



*História
além dos* 25



Apresentação

O livro *História além dos 25* é uma seleção de biografias de mulheres que revolucionaram suas comunidades e igrejas com ações missionárias, dedicando seus talentos e suas vidas de forma voluntária e altruísta.

Embora celebrem os 25 anos da oficialização do Ministério da Mulher da Igreja Adventista do Sétimo Dia, os relatos vão além deste marco simbólico, porque os feitos destas personagens reais ultrapassam datas, calendários e geografias. Também por isso, a ordem das histórias é aleatória. Toda trajetória missionária tem sua beleza e destaque ímpares, e você pode se inspirar com todas elas.

Nas biografias aqui registradas, as vidas de mulheres determinadas, guiadas por uma força chamada amor pela missão. Desafiaram impedimentos de locomoção, falta de escolaridade, dificuldades financeiras, problemas familiares e a si mesmas em busca de um sonho ainda comum à milhares de outras mulheres hoje, em todo o mundo. Venceram épocas de menor protagonismo feminino com a mesma graça daquelas que agora assumem grandes projetos oficiais.

A edição deste livro digital traz ao palco relatos de garra, motivação e esperança. Distribuir gratuitamente a todos que desejarem serem impactados por exemplos é o compromisso do Missão Mulher da União Sudeste Brasileira (USeB), buscando enfatizar a grandeza da participação feminina nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais, com reflexos em todo o país e até no exterior.

Você é convidada a iniciar a leitura agora e a se emocionar com as mulheres cujas vidas estarão para sempre na memória.

Expediente

Francis Matos

**Igreja Adventista do Sétimo Dia da
União Sudeste Brasileira.**

Ministério da Mulher

Direção Executiva: Ester Leal

Autora: Francis Matos

Projeto Gráfico: Dayse Bezerra

Imagens: Freepik, Acervo Pessoal e Web

E-book Interativo do Ministério da Mulher

Ouçã os áudios:
<http://adv.st/e-bookmm>

Prefácio

*L*er as 25 histórias deste livro e conhecer outras milhares que não foram retratadas aqui - e que, sem dúvida, também representariam brilhantemente a relevância missionária - enche meu coração de um sentimento de admiração e entusiasmo.

Não é recente o envolvimento feminino na obra missionária. A própria história da Igreja Adventista do Sétimo Dia traz no rol dos pioneiros a conhecida Ellen White, cuja biografia também faz parte deste e-book, lembrando o senso de visão e ousadia com que ela desenvolveu estratégias missionárias através da mídia impressa que são utilizadas até hoje. A primeira das mensagens divinas foi concedida enquanto ela era uma das cinco mulheres que se dedicavam à intensa oração e estudo da Bíblia.

O que falar da ex-escrava Sojourner e da viúva Sarepta, que mobilizaram um país inteiro, colocando importantes questões de direitos em destaque? São muitas as mulheres que nos inspiraram com suas vidas e dedicação.

Ainda no século 19, três mulheres foram responsáveis pelas finanças da Igreja a nível mundial. Outras 11, foram editoras de revistas mundialmente distribuídas e outras lideraram departamentos e coordenaram projetos grandiosos. Tudo isso em momentos em que as mulheres em todo o mundo ainda lutavam por direitos, como o voto.

Quantas milhares de outras mulheres em todo o mundo assumiram papéis de liderança, mesmo que de forma leiga e voluntária, nestes anos de nossa história!

Sabemos que, mesmo dentro da Igreja, os espaços não foram conquistados com facilidade, o que não é difícil compreender, já que as concepções culturais estão também presentes em comunidades cristãs. Porém, vemos que, a despeito de impedimentos ou lutas, o amor sempre foi a mola propulsora para projetos e para investidas missionárias, as quais nós orgulhosamente podemos fazer parte.

As 25 personagens reais deste livro representam a mim e a você, leitora, cheia de sonhos, desafios pessoais, com histórico familiar nem sempre promissor; vivendo em um mundo onde enxergamos que é tempo de batalhar por mudanças, para ter uma sociedade menos tóxica e uma igreja mais vibrante.

Estarmos prontas no grande dia, junto com nossos familiares e amigos, é o que nos move. Que a sua vida, assim como destas 25 mulheres, possa ser relevante e inspiradora. Que Deus nos conceda a bênção de sermos Missão Mulher.

Ester Leal

Sumário

Cap 1: As mulheres podem fazer mais	5
Cap 2: Ainda que eu não seja curada	9
Cap 3: E eu não sou uma mulher?	13
Cap 4: Não entendo o que a Bíblia diz	17
Cap 5: Quero me casar com um pastor	21
Cap 6: Entender e explicar a Bíblia não tem preço	25
Cap 7: Não quero casar e serei missionária	29
Cap 8: A oração me salvou	34
Cap 9: Encontrei minha missão no voluntariado	39
Cap 10: Quero um marido missionário	43
Cap 11: Vi tanta pobreza que não consigo esquecer	46
Cap 12: Ter sucesso é pregar sobre Jesus	50
Cap 13: As mulheres sempre trabalharam	55
Cap 14: Nada me impedirá de cumprir o que Deus quer.....	59
Cap 15: Me redescobri ao ser missionária	64
Cap 16: Uma poetisa cristã	68
Cap 17: Todos agora conhecem a Igreja Adventista	72
Cap 18: Contra os nãos que recebi quando criança	76
Cap 19: Minha casa , minha igreja	80
Cap 20: Meus pais me ensinaram a ser missionária	84
Cap 21: O Ministério da Mulher transforma a igreja	88
Cap 22: Uma mulher entre os anciãos	91
Cap 23: Pioneira como meus antepassados	94
Cap 24: Meu sonho era ter uma Bíblia	97
Cap 25: Quanto vale um garoto?	100



As *mulheres* podem fazer *mais*

*D*epois do casamento no Rio de Janeiro, a vida a dois começava no bairro Ipiranga, em São Paulo, e a família foi crescendo até completar 10 filhos. Antônio Melo e Aracy viam a cidade quase dobrar de tamanho com a chegada de imigrantes, especialmente os nordestinos, atraídos pela expansão do setor industrial e da construção civil, ocorridos na década de 1950.

A indústria automobilística puxava o crescimento da economia e, na oficina de funilaria, Antônio lutava para vencer uma guerra pessoal que causava muito transtorno à família: o alcoolismo. Vencido pelo vício, não conseguia trabalhar o suficiente para sustentar a prole, e a renda familiar precisava ser completada pelo esforço da esposa, lavando à mão uniformes de jogadores de futebol.

As artes já encantavam a menininha Arlete, a terceira da família. Como que para escapar da visão do pai caído, bêbado e sujo no chão, ela sonhava com os palcos, onde atuaria como cantora, e com as aquarelas que fariam sucesso em grandes exposições. A luta da grande família não passava despercebida da comunidade, que auxiliava com alimentos e roupas.

Foi assim que Abigail, uma vizinha, se aproximou do casal para oferecer tratamento de desintoxicação do álcool e tabaco para Antônio, em uma associação coordenada pelos adventistas do sétimo dia com a participação de profissionais de saúde, que tinha excelentes resultados na recuperação de dependentes.

O relacionamento iniciado pelo campo social aprofundava cada vez mais, findando na ação missionária que consistia em promover uma Escola Sabatina filial onde toda a família pudesse aprender sobre Jesus, e onde Arlete e os irmãos se sentiam muito felizes em estar.

A aproximação com os adventistas aos poucos foi mudando a vida da família. Eles foram morar no extremo sul da cidade, próximo da represa Billings, local que, poucos anos depois, foi palco de um acidente que ceifou a vida de um dos filhos, Antônio, episódio que levou Arlete à depressão.



Todos os filhos tiveram acesso à educação primária, mas os sonhos acadêmicos eram duros para famílias de classe baixa na época. Para continuar os estudos os jovens deveriam ser aprovados no exame admissional, a única porta de acesso ao primeiro grau, ocasionada por uma oferta reduzida de vagas.

Demorou para que Arlete seguisse sua trajetória escolar e, enquanto isso, era responsável pelos irmãos menores. O pai, já curado do alcoolismo, trabalhava agora no início das obras do metrô de São Paulo; porém, a família havia deixado de frequentar os cultos anos antes.

Cansada da indisciplina dos irmãos menores, Arlete tomou uma decisão: No próximo sábado levaria todos para a igreja, onde ela sabia, por experiência da própria infância, que a energia seria canalizada para atividades relevantes e atrativas. E foi aí que aconteceu seu retorno às atividades religiosas, o que culminou na possibilidade de continuar seus estudos, agora no Instituto Adventista de São Paulo (IASP), em Hortolândia.

Chegando ao IASP e cursando o segundo grau, Arlete fez bastante amigos. Era comum haver um sorteio de mesas para as refeições a fim de promover maior integração entre os estudantes, e foi no refeitório a primeira vez que ela viu Pedro; mas só vários meses depois eles aprofundaram a amizade e iniciaram um namoro.

Assim que terminou o segundo grau, Arlete se tornou funcionária do colégio e Pedro se mudou para Recife, para estudar Teologia no ENA (Educandário Nordestino Adventista). O namoro continuou à distância, mesmo nas férias, porque Pedro precisava vender livros na colportagem para custear os estudos.

Em 1981 eles se casaram, e agora juntos no ENA, Arlete iniciou os estudos de Pedagogia Bíblica, curso de dois anos que a capacitou para dar aulas de Ensino Religioso. Desta forma, concluíram a formação juntos, e estavam prontos para assumir o ministério.

Depois de uma temporada na colportagem, foram chamados para um distrito. Procurando sempre apoiar o marido, Arlete desenvolveu um intenso trabalho com as crianças, uma iniciativa meio inconsciente de replicar ações como aquela que fez parte da própria história e dos irmãos.

E não demorou muito para que ela notasse a necessidade de um trabalho mais coordenado com as mulheres das igrejas que atendiam, no extremo norte de Minas Gerais. Ela via muitas mulheres realizando atividades na igreja, mas de maneira individualizada e sem materiais de apoio, e quis potencializar a força das iniciativas. Ela sabia que as mulheres deveriam trabalhar de maneira organizada e fariam mais, se fossem capacitadas.

Com incentivo do esposo, Arlete procurou materiais de outras denominações religiosas e estudou também a história da Igreja Adventista para confirmar que era sim possível ter algo voltado para a área feminina.

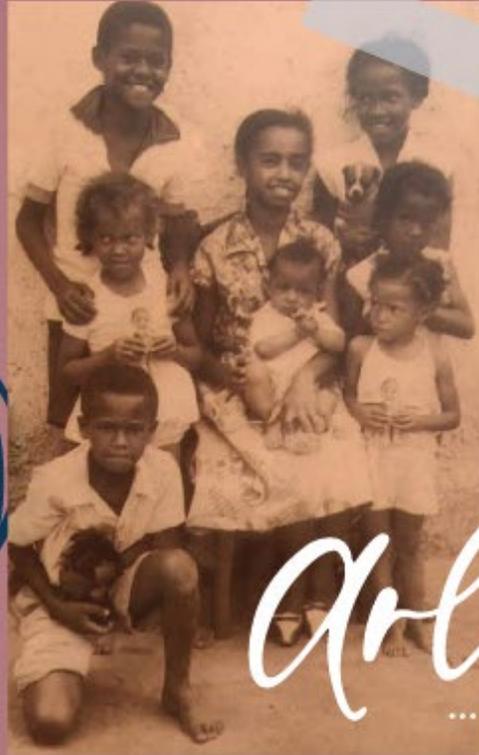
Foi assim que decidiu formar a AMA (Associação de Mulheres Adventistas) que previa reuniões periódicas de oração e de planejamento para várias iniciativas missionárias, que rapidamente foram postas em prática, trazendo muito resultado para a Igreja.

Embora fosse uma associação de mulheres, a AMA não se restringia a este nicho. As atividades enfocavam adolescentes, casais, famílias e a comunidade externa, com a realização, por exemplo, de feiras de saúde. No planejamento, a AMA contava também com o apoio da liderança masculina da igreja.

Em 1995, Arlete recebeu com a alegria a notícia de que o Ministério da Mulher havia sido instituído mundialmente pela Igreja, o que permitiu que ela ampliasse o entendimento do assunto e também as áreas de atuação. Por causa da AMA e depois do MM, vários estudos bíblicos foram realizados, pequenos grupos implantados e aconteceram muitos batismos.



O trabalho com as mulheres nunca deixou de fazer parte do coração de Arlete Heloiza de Melo Pereira da Silva, e atualmente ela realiza um relevante trabalho de estudos da Bíblia através da tecnologia.



Arlete





Ainda que *eu* não seja *curada*

*A*os seis anos de idade, Maria das Graças Barboza Ferraz, a mais velha de quatro irmãos, perdeu a mãe, Carlolina Barboza durante o parto dos irmãos gêmeos. Era final da década de 1940, e não havia fácil acesso a médicos, comunicação ou transporte, e a mortalidade materna era bastante grande.

Logo o pai, Evaristo Barboza, casou-se com alguém que o ajudaria no cuidado dos filhos, porém, especialmente depois do nascimento do primeiro filho do casal, a madrasta começou a maltratar as crianças. Maria das Graças teve uma história que começou cheia de percalços, logo cedo.

Os Barboza eram uma família pobre e, aos 10 anos, Maria das Graças já começou a trabalhar como doméstica, sem ao menos ter estatura, força ou coordenação motora para desempenhar todas as atividades. Não era assalariada, recebia apenas comida. Aos 15, começou a receber dinheiro pelo seu trabalho, mas tudo era integralmente utilizado para o sustento da família.

Quando uma irmã se casou e mudou para o Rio de Janeiro, e em seguida engravidou, Maria das Graças também teve a oportunidade de deixar Santo Antônio do Gramma, em Minas Gerais, em busca de melhores oportunidades. Primeiro ajudou a irmã durante o resguardo, depois foi trabalhar em uma casa de família, onde permaneceu por nove anos.

O primeiro sapato havia sido adquirido somente aos 16 anos, e já adulta ela nunca tinha ido para a escola. Quando soube da possibilidade de estudar o supletivo à noite, só teve a permissão dos patrões porque combinou de finalizar as atividades domésticas do jantar após voltar das aulas. Por muito tempo, as empregadas domésticas que residiam com as famílias empregadoras não tiveram direitos trabalhistas regulamentados e a carga horária era muito grande.

Em 1973, ela se casou-se com Anacleto Ferraz, e logo tiveram os três primeiros filhos. O caçula demorou um pouco mais, e, mesmo bastante pobre, o foco de Maria das Graças era proporcionar um futuro diferente para os filhos. Ela queria que eles tivessem acesso à educação, e tivessem uma história diferente da dela. Assim, sempre se esforçou ao máximo para que eles estudassem nas melhores escolas, mesmo que fossem públicas. Para isso, ela percorria o bairro para fazer a análise antes de matricular as crianças. Livros sempre foram incentivados por ela.

Por volta de 1977, a família morava em uma favela próximo a Campo Grande (Cariacica, ES), em casebres que eram reconhecidos de longe por serem amarelos. As condições eram precárias e, sempre que chovia, os pertences ficavam encharcados. Para sustentar os filhos, Maria das Graças sempre trabalhou lavando roupa para outras famílias.

Foi mais ou menos nesta época que alguns adventistas chegaram à comunidade e se interessaram por uma parede da casa da família. A ideia era utilizar aquele espaço para projetar os slides durante o programa de Semana Santa, o que logo foi autorizado por Maria das Graças, que emprestou também lençóis brancos para serem estendidos. Ela também estava curiosa, já que na época este tipo de tecnologia era uma grande novidade. A comunidade se reunia em uma pedra para acompanhar as projeções, os sermões e apresentações musicais.

Em seguida, a família de Maria das Graças recebeu estudos bíblicos e eles foram batizados. Iniciava ali a oportunidade do sonho de mãe ser realizado, porque a filha Alzira Luciana conseguiu ser admitida no IAENE (internato adventista localizado na Bahia) aos 14 anos, e as oportunidades foram sendo repassadas aos demais irmãos. O mais novo estudou no internato mineiro, FADMINAS.



Maria das Graças nunca se esqueceu da promessa que fez a Deus no dia do batismo, dizendo que não importava o que acontecesse, estaria sempre ligada a Ele e disposta a trabalhar por Ele. Toda oportunidade era tempo de falar de Jesus e oferecer estudos bíblicos. Na época não existia um trabalho oficializado na igreja para as mulheres, mas ela gostava de participar de todas as atividades missionárias.

Agora adventista, não perdia a oportunidade de ensinar sobre fidelidade a Deus para os filhos, através do próprio comportamento; sendo fiel dizimista e ofertante, mesmo em épocas de escassez de recursos familiares. Para que eles tivessem as lições da Escola Sabatina, ela pedia ajuda aos outros membros da igreja.

A ida dos filhos para o internato trouxe um misto de sensações. Maria das Graças sabia que a distância era um processo necessário para que eles tivessem a melhor educação, mas não poder reunir os filhos durante as férias era um esforço grandioso. Eles não podiam voltar para casa por um único motivo: dinheiro. Não havia como ela comprar as passagens e também as férias eram o tempo que eles usavam para trabalhar na colportagem e conseguir custear os estudos.

Um a um Maria pôde ver os filhos avançando nos estudos, e o desenho do futuro pontilhado por ela começava a tomar forma. A vida ainda era difícil, mas a luz no final do túnel, que ela sempre acreditou existir, já podia ser vista. Aos 20 ela aprendera a ler, aos 20 os filhos estavam cursando a faculdade!

Enquanto isso, Maria das Graças continuava sendo uma missionária na comunidade onde residia. Até que, aos 51 anos, recebeu o diagnóstico de um câncer agressivo, que a fez clamar a Deus por auxílio: O filho caçula era ainda muito novo para ficar sozinho, e por isso ela pediu pela bênção de mais 25 anos de vida.

Após a cirurgia, por um erro, Maria das Graças não foi avisada de que teria que fazer quimioterapia. Para o tipo de câncer que os médicos haviam removido, o tratamento deveria ter acontecido imediatamente depois da retirada de pontos, e, como não fizeram, o medicamento não teria mais a ação esperada. Maria das Graças foi então orientada a tomar apenas uma medicação oral por cinco anos e acompanhar.

Já curada, Maria das Graças pôde ver o primogênito, agora pastor José Mauro, assumindo o primeiro distrito; viu a Alzira Luciana se formando em Pedagogia e Psicologia e a Mauricéia em Enfermagem, ambas casadas com pastores. Depois de um tempo, o mais novo se tornou engenheiro químico. Os filhos eram o currículo de vida que Maria das Graças passou a apresentar orgulhosamente, por ver neles realizado o sonho de longas décadas de esforço e abnegação.

Em 2019, Maria das Graças foi novamente diagnosticada com câncer, e iniciou rapidamente o tratamento. Nas internações hospitalares e nas sessões de quimioterapia ela sempre encontrou oportunidade para pregar. Passado quase um ano, em 4 de maio de 2020, ela faleceu, e a notícia publicada nas redes sociais mostrou à família um número imenso de pessoas que haviam conhecido a Jesus através do trabalho dela.

Maria das Graças não deixou registros, mas há evidências e relatos de estudos bíblicos, batismos e abertura de igrejas. O único registro que deixou aos filhos é que todos os seus pertences particulares deveriam ser doados para pessoas necessitadas, e assim foi feito.

Durante seu tratamento, Maria das Graças enviou áudios a uma amiga, que enfrentava a mesma doença, e as palavras de fé e esperança dela estão registradas para sempre.





Maria das Graças





E eu não *soy* uma mulher?

*A*os nove anos de idade ela foi vendida como escrava pelos donos dos seus pais, por 100 dólares. Os 13 irmãos também tiveram o mesmo destino, e nunca mais se viram. Na memória, levava uma lembrança do relato assustador de 19 de maio de 1780, quando o dia se tornou noite, no histórico Dia Escuro, que aterrorizou a população do norte dos Estados Unidos e Canadá, especialmente, porque os animais também ficaram muito assustados. Alguns acharam que era o fim do mundo, outros acharam que era algum castigo à humanidade pelos seus erros e uma terceira corrente acreditava que era um efeito climático. Ela não podia imaginar quantos dias escuros ainda encontraria pela frente.

Aquele era um período de escravidão nos Estados Unidos, e “ela”, mencionada acima, era uma garotinha indefesa, de baixa estatura e frágil, que foi espancada e estuprada várias vezes pelo seu primeiro dono, até que, dois anos depois, foi novamente vendida, por 105 dólares. Novamente, após dois anos, em uma nova venda se tornava posse de John Dumont, de quem recebeu um pouco de afeição, mas isso não foi capaz de evitar que a esposa de Dumont causasse à jovem os piores momentos de sua vida.

A história de luta desta menina, depois mulher destemida, faz jus às homenagens póstumas que ela recebe até os dias de hoje. Demorou, mas o dia clareou para ela.

Em uma rápida pesquisa no Google sobre as mulheres mais influentes do mundo, Sojourner Truth, que viveu entre 1797-1883, é listada e, para entender um pouco mais do porquê do destaque, é preciso ir além da primeira surpresa: Sojourner não era seu nome real. Ela chamava-se Isabella Baumfree, mas mudou de nome ao se tornar uma mulher inacreditável, corajosa e temente a Deus, e é pelo novo nome que a biografia dela é descrita a seguir.

A data de nascimento dada como oficial é aproximada, porque escravos não tinham registros de nascimento, não tinham direitos, nem mesmo o direito de amar. Em 1815, quando conheceu o grande amor de sua vida, Robert, Truth não imaginava que o dono dele interferiria tão duramente no relacionamento.

Robert pertencia a um vizinho de Dumont, Charles Catton Jr., que não desejava que a relação se firmasse e que eles tivessem filhos, o que provocaria uma situação complicada para solucionar o direito de posse do novo escravo. Por isso, após o nascimento de Diana (provavelmente fruto de um estupro cometido por Dumont), Charles espancou Robert duramente e proibiu o escravo de ver seu amor para sempre. Robert morreu pouco tempo depois.

A tristeza foi completada quando Truth foi obrigada a se casar com um homem - provavelmente também escravo - bem mais velho, com quem teve mais quatro filhos. Os trabalhos a que eles eram submetidos eram extremamente pesados e qualquer erro era punido com muitas chibatadas.

A esperança sorriu para Truth quando os escravos ouviram rumores de que havia movimentos no Estado para conceder liberdade aos escravos nascidos antes de 4 de julho de 1799, e ela se encaixava nesta lei. Ela seria libertada em 1828.

Porém, ciente de que em pouco tempo perderia alguns de seus melhores escravos, e de que todos estavam alertas quanto ao movimento em favor deles, Dumont fez um acordo com Truth (e provavelmente com todos os escravos), aumentando a carga de trabalho, a fim de obter mais lucro, com o compromisso de liberá-los um ano antes, em 1827.

Pelos dois anos seguintes, Truth trabalhou ainda mais pesado, o que provocou uma grave lesão em sua mão. Como a colheita não foi boa como ele esperava, Dumont afirmou que nunca havia feito tal promessa, e acusou Truth de fingir trabalhar, trapaceando-o. Truth não era acostumada a mentiras, por isso nunca desconfiou que Dumont quebraria um acordo.

Porém, naquele mesmo dia, Truth pegou sua filha recém-nascida e fugiu, sem rumo. Ela correu muito porque sabia que Dumont estava no seu encalço, até que encontrou a casa do casal Van Wagenen, já no Canadá, que as abrigou e as alimentou. O alívio durou pouco porque Truth foi encontrada e ameaçada de grave punição, assim que voltassem à fazenda. Sabendo do risco que Truth corria, o casal juntou todas as economias que tinha e a comprou de Dumont.

Na casa dos Van Wagenen, Truth encontrou um cuidado que nunca imaginou existir. Eles eram cristãos e se recusavam a serem chamados de patrões ou mestres. "Só há um mestre, Truth, é o mesmo meu e seu", ensinaram.

Apesar de estar segura ali, algumas vezes Truth desejou voltar à antiga fazenda, especialmente porque havia deixado seus filhos para trás, e sabia que a lei de 1828 não os contemplaria, e eles continuariam sendo escravos de Dumont. Porém, sempre sentia uma força maior a aconselhando a não tomar tal atitude.

Um dia, Truth soube que o filho de cinco anos havia sido ilegalmente vendido por Dumont. Inconformada, entrou com uma ação na Justiça, e se tornou a primeira mulher negra a mover e ganhar um processo contra um homem branco. Tamanha ousadia se espalhou rapidamente através da imprensa e colocou Truth como uma voz na luta das mulheres negras da época. Por conta disso, tornou-se uma líder abolicionista e também a chefe da luta em favor dos direitos das mulheres, fazendo parte de grandes eventos que percorriam o país na época.

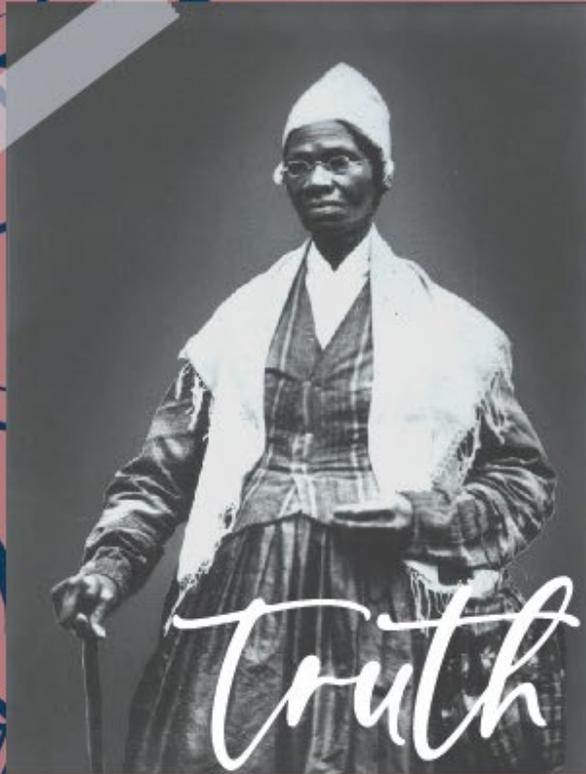
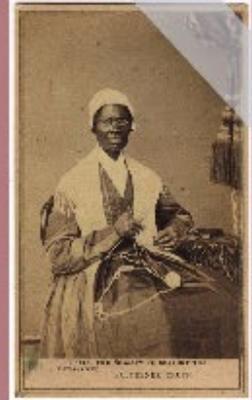
Uma vez, em um destes encontros, Truth se entristeceu pela não participação massiva das mulheres, visto que era um movimento de interesse de todas. Após o pronunciamento de um homem que mencionou ser "ridículo as mulheres exigirem votar, sendo fracas e incapazes ao menos de subir sozinhas em uma carroça", e que outra prova da inferioridade feminina era o fato de Cristo ter sido um homem, Truth se levantou e indagou firmemente, mostrando os músculos dos seus braços: "E eu não sou uma mulher?", e prosseguiu: "Aquele homenzinho ali diz que as mulheres não podem ter os mesmos direitos dos homens porque Cristo não era uma mulher. E de onde veio Cristo?". A pergunta "E eu não sou uma mulher?" se tornou célebre para sempre.

Os discursos de Truth eram sempre publicados integralmente pela mídia que acompanhava os movimentos de luta em todo o país. Foi neste mesmo período que Truth começou a frequentar as reuniões metodistas, mileritas, e logo também se tornou familiar dos estudiosos chamados, posteriormente, de adventistas. Vivendo entre cristãos, descobrindo novas verdades bíblicas, decidiu mudar de nome e começou a expressar publicamente a sensação de que Deus havia lhe confiado uma missão, de "testemunhar a esperança que tinha em seu coração".

Na década de 1850, Truth se mudou para Battle Creek, convivendo intensamente com Ellen White, John Kellogg e Uriah Smith, pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Embora a denominação não tenha registros oficiais de que ela foi batizada, há densas evidências disso. Truth então se tornou uma proeminente pregadora, recusando qualquer pagamento pela sua participação em grandes eventos, aceitando apenas a acolhida nos locais onde era convidada.

Truth pôde ver a abolição completa da escravidão nos Estados Unidos, ocorrida em 1863. Devido a seu destaque, foi recebida na Casa Branca pelo presidente Abraham Lincoln, e também conheceu o presidente Ulysses S. Grant, em uma tentativa mal sucedida de conseguir doação de terras para ex-escravos.

Mais de três mil pessoas participaram das homenagens fúnebres de Sojourner Truth, presidida por Uriah Smith, na igreja em Battle Creek, e do enterro realizado próximo à tumba onde está Ellen White. Terminou em 26 de novembro de 1883 a trajetória de uma das mais importantes mulheres da história do mundo.





Não *entendo* o que a *Bíblia* diz

Para ir à escola era necessário caminhar longas distâncias e atravessar um rio utilizando uma pinguela - uma espécie de ponte construída com madeiras ou tronco de árvores, sem corrimões de segurança. Para ir à feira, comprar mantimentos, também precisava fazer uma longa caminhada e submeter-se a horas de espera por um carro na estrada.

Foi nestas condições que Geovania Borges e quatro irmãos cresceram no início da década de 1970, no interior da Bahia, em uma localidade chamada Fazenda Flecha. A mãe trabalhava na plantação de eucaliptos, enquanto os filhos ficavam em casa, algumas vezes acompanhados da avó materna. O pai havia abandonado a família.

As condições financeiras da família eram difíceis, e muitas vezes encontrar a professora Mariazinha para a aula era sinal também de ter uma refeição. Ciente das condições dos alunos, ela preparava papa de leite (uma espécie de mingau feito com leite, farinha e açúcar) e servia para os alunos.

Uma vez, sabendo da escassez de alimentos em casa e para garantirem estarem satisfeitos por mais tempo, as crianças comeram demais e tiveram uma tremenda dor de barriga. Outra situação que retrata a pobreza da família foi o fato da mãe cortar pneus velhos de carro para fazer chinelos para as crianças, evitando que precisassem caminhar sob o sol escaldante pisando no solo quente.

A vida corria devagar por ali e, por volta das 18 horas, todos os dias, quando iniciava a Ave Maria (momento de oração realizado nas rádios em várias partes do Brasil), a avó de Geovania colocava os netos de joelhos para rezar. As casas ficavam distantes uma das outras, e, aos domingos, parte da pequena população local se encontrava em uma capela, construída no meio do pasto, para rezar.

Através da avó, Geovania sentia despertar o interesse para as questões religiosas, ainda cedo. Aproximadamente aos seis anos, Geovania passou pelo ritual chamado Primeira Comunhão, "vestida de noiva, a coisa mais linda".

Para tentar ajudar a irmã e os sobrinhos, a tia de Geovania levou todos para morar na cidade de Catu, também na Bahia, onde ela residia e através de contatos havia conseguido um trabalho para a irmã, em um hotel. Poucos dias depois, a família já estava morando na quitinete alugada e as crianças matriculadas na escola.

A vida da família estava melhorando, com mais fácil acesso à escola, e Geovania gostava de passar horas ajudando a tia a fabricar doces e salgados para vender. Embora a cidade de Catu seja antiga, surgindo por volta do final do século 18, foi na época da chegada da família de Geovania que o desenvolvimento acelerou, com a economia voltada para o comércio e o setor petrolífero. Logo a avó também foi levada para a cidade e a mãe de Geovania conseguiu comprar uma casa.

Por volta dos anos 1990, já com 18 anos, Geovania se casou. O marido era pedreiro e ela completava a renda trabalhando na roça; e quando faltava emprego na construção civil, o marido juntava-se a ela na lavoura. O casal teve dois filhos, e, embora continuasse frequentando a Igreja Católica, Geovania mantinha o desejo de infância de saber mais sobre a Bíblia.

O desejo ficou mais intenso quando ela foi designada para dirigir encontros religiosos da Igreja Católica nas casas e, embora estudasse bastante, não conseguia entender os panfletos-guia que recebia. Geovania começou a ter ajuda de uma amiga, membro de uma igreja pentecostal, mas os ensinamentos eram diferentes do que ela lia.

Porém, mesmo com a dificuldade de compreensão, ela se sentia segura para dirigir as reuniões, e as casas ficavam lotadas. Tudo estava sob controle até que alguém a denunciou pelas doutrinas diferentes que mencionava, e ela teve que se explicar.

Um dia, quando o marido saiu para o trabalho, Geovania ligou o rádio e encontrou o programa Está Escrito sendo apresentado por um pastor local, que se oferecia para estudar a Bíblia com os ouvintes que desejarem. Ela telefonou imediatamente e agendou o primeiro encontro, mas logo se arrependeu, porque pensou que estaria traindo a confiança da liderança da igreja da qual fazia parte. Passou então a se esconder em casa e, quando o pastor batia à porta, ela ficava bem quieta, fingindo não estar, até que ele desistiu.

Algum tempo depois, a família se mudou para outro bairro, e um amigo que frequentava a um pequeno grupo, promovido por adventistas, a convidou para uma reunião. Ao mesmo tempo que começou a ir aos encontros, Geovania iniciou suas visitas à igreja, sempre pegando atalhos por caminhos onde podia evitar encontrar conhecidos. Era um segredo que ninguém poderia descobrir. Os estudos bíblicos duraram um ano, e Geovania, ciente de ter encontrado as respostas que procurava desde criança, decidiu ser batizada.



A experiência de falar publicamente adquirida nas novenas, ela adaptou agora para programas onde ela pudesse contar toda a mensagem que descobriu. Por isso, pensou grande e, após ter a autorização da prefeitura para fechar a rua onde morava, ela e outros adventistas realizaram um evangelismo público para toda a comunidade. Geovania começou também a ministrar estudos bíblicos, sempre em dupla com uma amiga.

Em busca de novas oportunidades de trabalho, o marido foi para Macaé, RJ e ao visitá-lo, Geovania entendeu que aquele era o chamado de Deus para toda a família, porque havia uma comunidade muito pobre precisando de ajuda material e também espiritual; e esta foi a razão que fez Geovania deixar a cidade natal. Agora teria também a ajuda do esposo, que aceitou ser batizado. Por um tempo ele ouviu vários estudos estando em outro cômodo da casa, e não demorou muito, após o batismo, para que também se inserisse na missão, inspirado pelo exemplo da esposa.

Ao chegar em Macaé, Geovania participou de um programa chamado 300 de Gideão, realizado há aproximadamente cinco anos, que estava sendo lançado para toda a liderança da Igreja Adventista da região, e saiu dali ciente de que aquele conhecimento era o que lhe faltava para cada vez mais exercer um papel de liderança missionária na região.

Logo procurou abrir um ponto de pregação na comunidade Novo Horizonte, uma região onde a pobreza e a violência têm impacto constante na vida das pessoas. Simultâneo à implantação do um ponto de pregação, diversas ações começaram a ser coordenadas, dentro das necessidades que vão sendo conhecidas, e a primeira delas foi um Curso para deixar de fumar.

Além desta, foram realizadas ações para adolescentes, cursos de culinária, distribuição de alimentos e livros, e acompanhamento constante a 36 famílias; mas o grande diferencial é atender às necessidades específicas, o que uma vez resultou na reforma de um banheiro de uma família, conquista alcançada através de doação e do mutirão de voluntários reunidos por Geovania.





Geovania





Quero *me* casar com um *pastor*

A vida era confortável para a família Correia na pequena Monte Belo, em meados da década de 1940. O sul de Minas, região de plantadores de café, se desenvolvia com a construção da estação ferroviária na vizinha Juréia, um tremendo avanço para o escoamento da produção de café. Lá também estava situada a escola primária da região.

Filha de um funcionário público e de uma dona de casa, Lurdinha é a sexta de um total de 10 filhos, e viveu em Monte Belo até os sete anos de idade, porém guarda poucas lembranças, já que a família foi forçada a se mudar para o interior do Paraná em busca de sustento.

Após conhecer a mensagem adventista e decidir não mais trabalhar aos sábados, o pai dela foi demitido e seguiu os passos de um amigo, fazendeiro da região, que havia recentemente se mudado para Florinda, localidade vizinha a Assis, na divisa do Paraná com São Paulo. A cultura do café iniciava sua expansão na região que, beneficiada pela escassez do produto no mercado mundial, celebrou recordes de safra e exportação. Era a chance de recomeçar sendo fiel a Deus.

A geada castigava o corpo da pequena Lurdinha, que precisava levantar às 4h da madrugada para trabalhar na colheita de café, junto com irmãos e o pai. A condição financeira da família havia despencado brutalmente, e agora nenhum dos filhos tinha acesso à escola. Lurdinha aprendeu a ler com a mãe, assim como os irmãos mais novos. Para o pai, estudar não era necessário, especialmente para as meninas.

Por muito tempo, o quiabo plantado nas fazendas vizinhas era o único alimento que a família possuía. José Orlando, o filho mais velho, que havia cursado o primário em Minas, sonhava em prosseguir nos estudos e vibrava quando os pastores contavam sobre os colégios adventistas; mas não havia apoio e muito menos dinheiro para realizar o sonho.

Decidido a mudar o rumo da própria vida, após o expediente na colheita ao lado do pai, seguia para a própria lavoura, de onde juntou o dinheiro que o ajudaria a seguir adiante. Um dia, pegou duas camisas e poucos pertences e fugiu de casa rumo ao internato adventista em Curitiba, prometendo a Lurdinha que a levaria para lá, quando ela completasse 15 anos.

A promessa foi cumprida, e os quatro anos letivos do curso primário foram concluídos por ela em um ano de estudos noturnos intensos, após exaustivas jornadas de trabalho na lavanderia do internato. A saudade da mãe era descarregada nas inúmeras cartas escritas mas que nunca foram postadas no correio, por não haver recursos ao menos para comprar selos.

Quase terminando o primeiro grau, Lurdinha foi levada pelo irmão para o Instituto Adventista de Ensino, em São Paulo, onde ele já cursava Teologia. Com sucesso no trabalho de vendas de livros, a colportagem, José Orlando conseguia proporcionar oportunidades acadêmicas para ela e para um outro irmão. Para se sustentar e custear os estudos, Lurdinha trabalhava na empresa alimentícia Superbom, especificamente na produção de suco de uva, sucesso da marca ainda nos dias de hoje.

Os programas espirituais e a vida no internato eram intensos e Lurdinha amava poder ver de perto os quartetos, incluindo o recém criado Arautos do Rei, que seguiam o padrão musical de sucesso nos Estados Unidos. "Quero me casar com um pastor", suspirava a aluna do magistério, aos 21 anos.

Em um dia de trabalho, Lurdinha conheceu Último de Oliveira Duarte, que cursava Teologia, e, três meses depois começaram a namorar. Quando ela concluiu o magistério, se casaram e Lurdinha ficou mais perto de se tornar esposa de pastor, como sonhado, já que faltava apenas um ano para Último se formar.

O primeiro chamado para o ministério pastoral os levou para Belo Horizonte, Minas Gerais, já com a primeira filha a caminho. A vida seguia como planejado. O segundo filho nasceu, e Lurdinha vivia o sonho de juventude, acompanhando o esposo no ministério pastoral e cuidando da família, até que em 1985, a notícia de um grave acidente interrompia os sonhos.

Após ser atropelado por uma moto desgovernada sobre uma calçada, Último foi levado ao hospital, onde dias depois veio a óbito, deixando Lurdinha viúva aos 39 anos, com dois filhos, o mais novo com 12 anos de idade.



Agora como a única responsável pelos filhos, Lurdinha ingressou no mercado de trabalho. Por dois anos trabalhou na Escola Adventista de Uberlândia, até ser transferida para Belo Horizonte, para assumir a secretaria da administração da Associação Mineira Central, sede da Igreja Adventista no estado.

Por dez anos se dedicou ao registro de membros, atas e relatórios que demonstravam o crescimento da Igreja na região, posição que ela pensava cumprir até o momento da aposentadoria.

A surpresa que deu mais uma guinada na vida de Lurdinha veio em 1997, quando foi comunicada da nomeação para a direção do Ministério da Mulher, departamento recém-oficializado pela igreja, e que dava os primeiros passos na organização de projetos dedicados integralmente às mulheres. Ciente da responsabilidade, mas feliz pelo desafio, Lurdinha se envolveu em pesquisas e eventos, buscando desenvolver atividades que pudessem engajar toda as mulheres na missão.

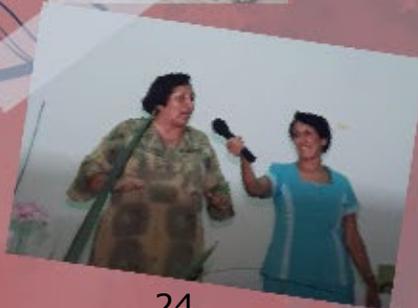
Foram anos de viagens e produção de materiais, especialmente aqueles focados em motivar as mulheres e cuidar da autoestima delas. Ainda havia resquícios de desconfiança por parte de algumas pessoas, mas a cada evento Lurdinha via aumentar o interesse das mulheres.



Depois de aposentada, em 2006, Maria de Lourdes Duarte continuou sendo convidada para palestras onde conta toda a experiência de vida.



Querdinha





Entender e explicar a *Bíblia*

não tem *preço*

*E*ra preciso andar três horas a pé para chegar à escola mais próxima. O ano era 1985 no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, quando aos sete anos, a nona filha de uma família de 11 filhos, sonhava se tornar médica. Os irmãos foram abandonando os estudos um a um, mas Saturnina Costa Mendonça insistia em frequentar as aulas todos os dias.

A vida da família era de muita pobreza. Enquanto os filhos e a mãe trabalhavam na lavoura de arroz, feijão, mandioca e amendoim para vender na cidade, o pai passava 10 meses distante deles, trabalhando no corte de cana no interior de São Paulo. Ele enviava dinheiro todos os meses para a família, e, mesmo assim, os gastos eram bastante controlados, e eles quase nunca iam a Turmalina, a cidade mais próxima. A vida se restringia à rotina simples da roça.

A única novidade acontecia a cada ano, no mês de agosto, quando a comunidade próxima, chamada Peixe Cru, recebia a missa. Nos outros finais de semana do ano a fé era mantida nas novenas realizadas na vizinhança.

Assim que aprendeu a ler, Saturnina se tornou curiosa pelas histórias da Bíblia. Quando o pai chegava dos longos períodos distante, o interesse era mais aguçado pelo pedido dele para que ela fizesse a leitura, especialmente do livro de Apocalipse, já que ele não sabia ler muito bem.

Vendo o interesse da filha pelos estudos e sabendo que o terceiro ano primário seria o último ao qual ela teria acesso na zona rural, a mãe de Saturnina a enviou para a cidade, onde ela seria responsável por todo serviço doméstico em uma casa, em troca de poder estudar e morar. Era uma criança com responsabilidades de adultos, mas ela não reclamava.

Quando Saturnina completou 15 anos, o irmão mais velho, que começava a se estabilizar em Santa Ernestina, interior de São Paulo, a convidou a ir morar com ele. A ideia era que ela preparasse marmitas para os trabalhadores da usina de cana e tivesse a oportunidade de continuar estudando.

Saturnina pegou os poucos pertences e seguiu viagem. Chegando à cidade foi logo se envolvendo em ações de jovens da Igreja Católica, sempre procurando por alguém que pudesse sentar com ela e explicar os vários trechos difíceis da Bíblia. As respostas eram vazias e não satisfaziam.

Sempre que passava em frente a uma igreja evangélica, Saturnina era convidada a entrar, e foi assim que estudou a Bíblia com eles por um ano, mas ainda continuava com dúvidas. Havia vários textos incompreensíveis, e ela precisava encontrar quem pudesse responder. Sempre que possível, ela perguntava às pessoas.

Quando foi necessário mudar as aulas para o período noturno, Saturnina fez amizade com Márcia, uma jovem adventista que logo foi questionada se poderia tirar algumas dúvidas sobre a Bíblia. As conversas eram intensas sobre pecado, arrependimento e volta de Jesus.

Levada para participar de uma programação especial na igreja, Saturnina foi apresentada a dois obreiros bíblicos que estavam na cidade. A cada estudo bíblico que eles davam, Saturnina voltava para casa mais eufórica a respeito do que descobria. Enfim, encontrava as respostas do Apocalipse que lia com o pai, ainda na infância.

Depois de três meses, Saturnina aceitou ser batizada, mas o irmão não aprovou a decisão. Chateado por entender que a irmã deixaria de preparar comida fresca para os clientes aos sábados, se enfureceu e a espancou. Era o dia de um evento regional realizado pela Igreja e, como ainda estava fisicamente machucada e visivelmente triste, Saturnina foi abordada por duas mulheres que ofereceram moradia, revezando uma semana na casa de cada uma.

Assim, Saturnina decidiu recomeçar a vida em Jaboticabal, SP, onde foi apresentada a um grupo de vendedores de livros (chamados colportores) e juntou-se a eles. Embora não dominasse as técnicas de venda, Saturnina conseguia se manter com o lucro da literatura, enquanto ficava hospedada em locais cedidos por membros ou pela igreja.



Quando parou de atuar como colportora, Saturnina voltou a ser doméstica, tendo a possibilidade de continuar estudando, até completar o ensino médio. A vida continuava sem luxos e com bastante trabalho, mas melhorando, mesmo que lentamente. O próximo passo foi se mudar para a cidade de Itaquaquecetuba, SP, onde conheceu o esposo.

A cada dia mais ativa na igreja, Saturnina se envolveu com a Escola Sabatina a partir de 2002, um pontapé para o início de um projeto pessoal de estudar a Bíblia com as pessoas.

Em 2011, ela precisou retornar para Conceição do Alagoas, MG, para cuidar dos pais que estavam doentes. Ali notou que havia poucos adventistas e apenas um pequeno grupo em funcionamento, e a visível e urgente necessidade de um trabalho evangelístico, atividades que Saturnina já vinha praticando.

Em 2013, ao ser nomeada para a liderança do Ministério da Mulher, viu a possibilidade de ampliar as iniciativas missionárias, motivando ainda mais gente. Mas, ainda era necessário aprender uma etapa do evangelismo, e para isso, Saturnina contou com o estágio feito com obreiros bíblicos: Ela sabia dar estudos bíblicos, mas não se sentia confiante para fazer apelos para o batismo.

Os batismos começaram a acontecer mais frequentemente, e Saturnina consegue nomear os oito juvenis e adolescentes que foram batizados em 2016, como resultado de uma classe bíblica que ela conduziu.

Sempre atenta a novos aprendizados que pudessem melhorar e ampliar a atuação missionária, Saturnina incluiu a tecnologia, através do WhatsApp e Facebook, para atrair as pessoas, antes do contato pessoal.

Mesmo que a memória falhe um pouco ao mencionar datas, detalhes e nomes, para Saturnina o trabalho continua, porque ela se sente abençoada por ter entendido as histórias e o Apocalipse, que tantas vezes leu para o pai, e, mais do que isso, saber explicar a Bíblia a quem quer que pergunte.





Saturnina





Não quero *casar* e serei

missionária

*A*os 10 anos Palmira Chagas - nascida em 1961 - tinha certeza de que queria ser missionária. Por isso, ela consumia livros e mais livros que retratavam as aventuras e desafios enfrentados por pessoas que dedicavam suas vidas para ajudar os outros e para pregar, principalmente, na África. Sempre que ia à igreja, mesmo bastante criança, ela ficava atenta aos sermões que falavam do papel de todos na missão, o que a deixava ainda mais confiante.

Como sabia, através dos livros, que algumas profissões eram mais comuns no campo missionário, como enfermeiros, dentistas, médicos e professores, se esmerava nos estudos, porque entendia que precisava cursar uma destas faculdades.

Quando expressou os desejos de ser missionária, a mãe alertou que ela deveria estudar bastante a Bíblia e já começar a dar estudos bíblicos e, por isso, os amigos do irmão foram seus primeiros alunos.

Palmira também não desejava se casar, porque os padrões de mulher casada que lhe apresentavam eram totalmente opostos aos seus sonhos. Ser casada, para ela, era como ser alguém presa; já a missão trazia liberdade, descobrimentos e aventuras.

Terminado o primeiro grau, os pais entenderam que já era o suficiente para uma menina, e que agora ela precisava apenas desenvolver habilidades como tocar um instrumento musical, saber fazer bolos, bordados e outros tipos de artesanato, para conseguir um bom casamento. Já o irmão mais velho, esse sim deveria estudar, para ter um bom trabalho e ser capaz de sustentar uma família.

O pensamento dos pais de Palmira era também resultado de uma dificuldade social enfrentada por todas as famílias brasileiras naquela época. Como existiam poucas vagas, o ingresso no ensino médio em escola pública era difícil, e muitos pais pensavam que era desnecessário arcar com as despesas de uma escola particular para uma menina que iria se tornar "só" esposa e mãe.

Vivendo na Pavuna, no Rio de Janeiro, Palmira conseguiu cursar contabilidade e os pais acharam que, finalmente, ela iria sossegar e arrumar um bom partido. Mas, estavam errados. Ela não esquecia do sonho e, já que tinha completado 18 anos, procurou se informar com pastores sobre o que deveria fazer para ir para a missão.

Entretanto, Palmira saiu do encontro completamente devastada com a notícia de que as mulheres não poderiam ir para a missão, a menos que fossem casadas. E casamento estava longe dos planos dela.

Foi uma decepção grande, mas Palmira não perdia o foco do plano de estudos e, por isso, contrariando os pais, prestou vestibular e foi aprovada para o curso de História na Universidade Federal Fluminense. História era sua paixão desde os tempos de escola e ela poderia se tornar uma professora. O pai já foi logo avisando que não contribuiria com nada e, por causa disso, ela começou a trabalhar dando aulas de matemática para completar o valor da bolsa estudantil que conquistou.

As viagens para a faculdade eram longas. O Brasil, por volta de 1980, vivia ainda uma ditadura militar, que começava a dar sinais de ruína devido aos protestos; e o ambiente universitário estava repleto de discussões filosóficas de grandes pensadores, principalmente, sobre religião. Palmira então começou a fazer questionamentos sobre seus próprios objetivos e crenças, momento em que ela se deu o prazo de um ano frequentando regularmente os cultos para confirmar se era cristã pelo costume ou por convicção.

Neste período ela também foi aprovada no concurso público para a Caixa Econômica Federal, e um ano depois pôde tomar posse, sendo designada para trabalhar na cidade de Casemiro de Abreu, distante 200km da casa dos pais.

Chegando à cidade, ela soube que não havia adventistas em um raio de 30 km, e por isso, durante muito tempo, voltava para casa dos pais todos os finais de semana, para poder ir à igreja e encontrar os amigos. Num destes finais de semana, ela participou de um evento do departamento, à época, chamado Trabalho Missionário, onde o pastor disse que a missão de cada cristão é florescer onde Deus o enviou.

Como num *flashback* de filme, lá estava Palmira como a menina de 10 anos que desejava ser missionária, lembrando as histórias que lia e as fantasias a respeito da própria vida na missão. Porém, de volta à razão, começou a ponderar consigo mesma: "Era apenas uma jovem de 20 e poucos anos, sozinha, e como poderia ser responsável por uma cidade inteira?"

Naquele momento, Palmira desfrutava da vida financeira que nunca havia tido, com um salário bastante razoável para a época e ainda dava aulas de História, à noite. Mesmo assim, não estava completamente feliz, e fez vários pedidos de transferência para o Rio de Janeiro, todos negados.

Entretanto, cansada de se sentir incomodada com a lembrança das palavras do pastor, ela decidiu fazer um acordo pessoal com Deus. Ela escolheria uma pessoa e, caso esta pessoa pedisse para estudar a Bíblia com ela, seria a prova de que Casemiro de Abreu era seu campo missionário naquele momento.

A escolha foi à dedo: o cliente mais detestado do banco, uma pessoa que consumia álcool, era grosseiro com todos e era tolerado apenas por ser um cliente com bastante dinheiro. O plano era perfeito, nunca aconteceria!

Às vezes, a convite dos alunos, Palmira assistia os cultos na Igreja Batista. Um dia, sentada na galeria, ela avistou um homem cambaleante atendendo ao apelo do pastor e ficou petrificada quando reconheceu Eliseu, o cliente intratável.

No dia seguinte, quando chegou no banco, Eliseu parecia outra pessoa, bem cuidado e educado, porque estava sóbrio, e isso começou a deixar Palmira intrigada. "E se ele pedisse estudos bíblicos a ela?" Mas, isso não aconteceria, ela pensava.

Quatro meses depois, convidada para uma festa na casa de uns alunos, Palmira encontrou novamente Eliseu, e descobriu que ele era o aniversariante; e aí começou a ficar mais temerosa.

O susto foi grande quando o aluno disse que o pai gostaria de conversar com ela, porque ele tinha contado que a professora sabia tocar violão. O assunto da conversa colocou Palmira em estado de choque, porque Eliseu queria aprender hinos, e virou se para ela dizendo que achava que ela poderia ensinar sobre a Bíblia para ele também.

Palmira não teve mais como fugir. Quando contou para as melhores amigas Beatriz e Claudia, elas ficaram tão empolgadas, que passaram a ir todos os finais de semana para Casemiro de Abreu, onde semana após semana aumentava o número de estudantes da Bíblia. Não demorou muito até que foi necessário procurar o pastor que atendia a redondeza, alugar um salão e iniciar os cultos regulares.



O grupo foi crescendo tanto que, em 1986, um templo, em imóvel próprio, com capacidade para 200 pessoas, foi inaugurado. Logo, os jovens das outras igrejas do distrito começaram a interagir mais com o grupo apelidado de JACA (Jovens Adventistas de Casemiro de Abreu). Em um encontro esportivo realizado por eles, Palmira se rendeu ao amor, e, em 1991, ela se casou. Descobriu que não fugia de casamento, mas que só seria bom se fosse com alguém também interessado na missão, como encontrou.

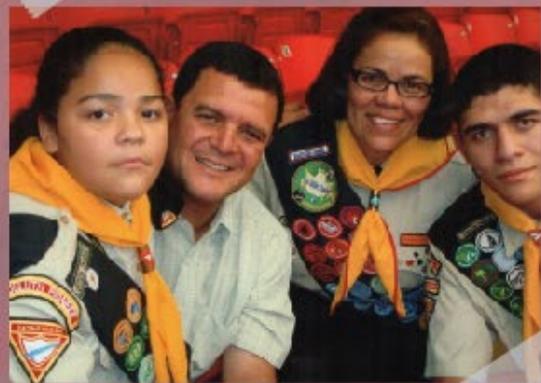
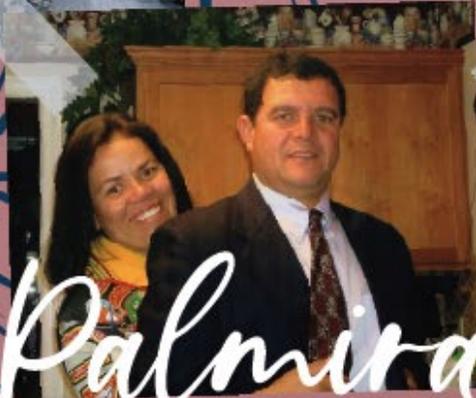
Algum tempo depois, Palmira conseguiu a transferência para Muriaé, MG. A cidade já tinha a presença adventista, mas ela e o esposo sentiram que deveriam ajudar no bairro São Cristóvão, onde há pouco havia sido iniciado um projeto evangelístico.

Todavia, mesmo tendo duas igrejas inauguradas na própria história, Palmira sentia tristeza no coração por não ter sido uma missionária como havia sonhado a infância toda, vivendo aventuras no exterior.

Em 2001, o casal se mudou temporariamente para os Estados Unidos, onde Palmira sentiu-se abençoada ao conseguir ensinar sobre a Bíblia, mesmo com insuficiente fluência no idioma. Implantando um clube de Desbravadores e atuando como obreira bíblica, em um ano, cerca de 20 pessoas foram batizadas naquela igreja. “Quem sabe não foi esta a oportunidade dada por Deus para ensinar em terras distantes?”, ainda hoje Palmira questiona.

De volta ao Brasil, já com os dois filhos adultos, a missão é realizada no condomínio onde mora, em um Centro de Influência, dando aulas de Inglês, violão e artesanato com materiais reciclados. Além disso, atualmente, Palmira grava áudios ensinando a Bíblia, e compartilha com 300 pessoas. O desejo de ser missionária? Ainda pulsa firme no peito da sonhadora, agora aos 71 anos.







A *oração* me salvou

Logo que se casaram, sonhando em oferecer educação de qualidade para os filhos, Artur e Alaíde Souza adquiriram um terreno nas proximidades do Instituto Adventista de Ensino (hoje Unasp, campus São Paulo). Era final da década de 1930, a região não tinha saneamento básico e nem energia elétrica, e mesmo assim o colégio, fundado em 1915, se desenvolvia, principalmente após ter se tornado um internato agroindustrial, em 1925. Era a escolha certa para o futuro das crianças.

Em 1941 nascia Vasti, a segunda filha, e a vida inicialmente planejada acontecia. Alaíde costurava roupas para as crianças, utilizava água do poço para os cuidados da casa, e lenha para cozinhar e passar roupas à ferro. Juntos faziam o culto familiar todas as manhãs, antes de Artur sair para o trabalho.

Anos depois, já com dois filhos, o casal se mudou para o Rio de Janeiro, onde outro colégio estava iniciando, o antigo ITA, hoje Instituto Petropolitano Adventista de Ensino (IPAE). Lá, Artur pôde utilizar toda a experiência adquirida na marcenaria para fabricar portas, janelas e carteiras escolares.

Crescendo em um ambiente de imersão cristã, Vasti era muito interessada em aprender sobre Jesus, tocava piano e fazia diversos cursos que a escola oferecia. A filha de um missionário americano logo se tornou sua melhor amiga, e entre uma brincadeira e outra, ela foi também aprendendo Inglês.

De volta a São Paulo, já com 12 anos, Vasti trabalhava na cozinha do colégio no período de férias, e foi assim até concluir o segundo grau, na época. Sempre ativa na igreja, Vasti realizava atividades missionárias em bairros próximos, sonhando em se casar com um pastor.

Quando começou a trabalhar na secretaria do colégio, logo foi notada pelo presidente do centro acadêmico, o jovem José Viana, que estudava Teologia. Alguns meses depois iniciaram o namoro, e, em fevereiro de 1963, se casaram.

O primeiro chamado ministerial levou o casal para o nordeste. Vasti ajudava no preparo dos painéis e cartazes de divulgação, utilizando o que havia de mais novo na época: caneta fluorescente para ser utilizada com luz negra. Foi um trabalho de sucesso, e, devido a presença deles por ali, foi inaugurada a primeira Igreja Adventista de Mossoró.



De volta ao Brasil, após um período nos Estados Unidos, onde o pastor José Viana cursou o Mestrado, e após o nascimento do primeiro filho, o casal foi convidado a trabalhar na sede sul americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que era localizada em Montevideú, no Uruguai.

Aquele era um período difícil porque havia falta de alimentos nos supermercados de todo o país, como resultado do conflito entre militantes políticos, já que o Uruguai atravessava um período de ditadura militar.

Cerca de 20 anos antes, foram exatamente situações como essa que haviam provocado a transferência da sede da Igreja da Argentina para o Uruguai. Neste contexto desafiador, nasceu a segunda filha do casal; e, graças às viagens que o pastor fazia, a família podia ter acesso a vários itens essenciais levados do Brasil.

Em 1976, a sede da Divisão Sul Americana foi transferida para Brasília, e a família Viana pôde retornar ao Brasil. Algum tempo depois, pela segunda vez, o pastor Viana se afastou do ministério para prosseguir nos estudos, agora cursando Doutorado em São Paulo. Enquanto isso, Vasti continuava ajudando as igrejas na região onde residiam, e trabalhava como professora, já que os filhos já estavam maiores.

Em seguida, o casal se mudou para o IAENE, na Bahia, onde Viana se tornou professor da Faculdade de Teologia; mas em 1994, um novo chamado levou-os de volta para Brasília, para atuarem novamente na Divisão Sul Americana. Contudo, desta vez, havia um grande desafio também para Vasti: implantar o Ministério da Mulher em toda a América do Sul.

Era preciso produzir materiais de treinamento, motivação e palestras em dois idiomas, Português e Espanhol. A base eram materiais que a sede mundial da Igreja disponibilizava, em Inglês. A fluência adquirida na infância e melhorada no período em que viveram nos Estados Unidos ajudaram Vasti na nova atribuição. Agora, as atividades missionárias das mulheres de 12 países estavam sob a liderança de um departamento.

Naqueles anos, Vasti sofreu a perda dos pais, e isso a entristeceu profundamente. Mas aquelas também foram épocas de mais comunhão com Deus e muitas horas dedicadas à oração. A relevância da atuação de Vasti foi se tornando cada vez mais evidente, e algumas vezes ela foi convocada pela sede mundial da Igreja para palestrar às líderes do Ministério da Mulher de todo o mundo.



Enquanto isso, o pastor Viana atendia ao departamento Ministerial, cuidando dos pastores; e em muitos períodos o itinerário colocava os dois em países diferentes. Sete anos depois, cansados da rotina de viagens, foi concedida a eles a oportunidade de retornar a São Paulo, o que proporcionava viagens mais curtas, e maior período no escritório e em casa.

Porém, na volta a São Paulo, Vasti não tinha uma função específica, e apenas fazia trabalhos de tradução esporádicos. Distante dos filhos e da rotina a que estava acostumada, foi ficando triste, até que reconheceu que estava entrando em depressão.

Sentindo que precisava fazer algo antes que o problema se intensificasse, forçou-se a recomeçar a rotina de oração e comunhão que ela conhecia bem, e que faziam parte de inúmeros materiais que ela havia produzido nos anos à frente do Ministério da Mulher.

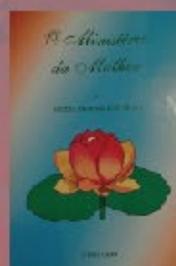
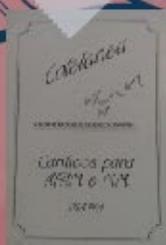
Tempos depois, quando ela sentia que estava melhor, um ataque cardíaco fulminante tirou a vida do companheiro de 44 anos de convivência, em junho de 2007. Aquele foi o mais duro golpe que Vasti recebeu, e ela não consegue se lembrar do que aconteceu nos dias decorrentes do sepultamento, tamanha a dor.

Foi necessário assistir as filmagens, semanas depois, para que pudesse se dar conta das homenagens póstumas que o marido havia recebido. Os dois haviam realizado um ministério brilhante e o pastor Viana deixava um valioso legado.

Nos meses subsequentes à morte do marido, foi necessário buscar ajuda médica e psicológica para enfrentar a depressão. Com o tempo, Vasti conseguiu ressignificar a experiência traumática da viuvez, transformando a dor em gratidão pelos anos de matrimônio feliz e produtivo, sendo grata pelo legado que o esposo havia deixado para a Igreja.

Passado este período turbulento, e dois anos após o falecimento do esposo, já se sentindo mais forte, Vasti se aposentou e lançou o livro chamado Cura para o vazio da Alma, cujo enfoque principal é a oração. Ela escreveu também o livro Venham! Vamos louvar ao Senhor.







Encontrei minha *missão* no *voluntariado*

O círculo da vingança provocou uma tragédia na vida de Lidinalva Fernandes Araújo quando ela era ainda um bebê com menos de dois anos. Após se envolver em uma discussão, o pai dela foi assassinado na presença da família. Era final da década de 1960, na cidade de Divisa Alegre, entre MG e BA; e a estrutura da família foi abalada, especialmente no aspecto financeiro.

O pai de Lidinalva era capataz em uma fazenda, o que proporcionava conforto aos quatro filhos e esposa. Viúvo do primeiro casamento e mais velho do que a esposa, era um homem de trato difícil e havia se envolvido em uma briga simples de ser solucionada, mas que resultou em uma agressão e duas mortes.

Após o funeral, enganada pelo enteado, a mãe partiu para Minas Gerais, levando as seis crianças, onde pensou que seriam amparados, mas tudo era uma parte na estratégia para retirar deles o direito de herança. A família acabou abandonada em uma favela.

Com o filho mais velho, a mãe de Lidinalva passou a vender verduras e legumes de porta em porta, enquanto os demais ficavam em casa sozinhos, o que resultou numa denúncia ao Juizado de Menores. Na visita de assistência social foi decidido pela não retirada da guarda, mas o envio para uma instituição que abrigava viúvas e seus filhos, e ainda oferecia a oportunidade de trabalho. As crianças poderiam estudar desde a educação infantil, gratuitamente, o que era perfeito.

A mãe de Lidinalva havia sido adventista desde a Bahia, e por isso continuou levando os filhos para os cultos. Mas, por causa das inúmeras dificuldades que encontrava na época, afastou-se. Lidinalva era ainda muito pequena naquela época.

Quando Lidinalva completou sete anos, e iniciava a alfabetização, a mãe ficou gravemente doente, e decidiu deixar os filhos com pessoas da comunidade, cada um em uma casa. Ela partiu para Salvador, levando apenas a caçula, meses mais nova que Lidinalva.

Começou então o episódio mais marcante da vida de Lidi, como ela gosta de ser chamada. Além do sentimento de ter sido preterida pela mãe, ela não foi bem aceita pela dona da casa onde foi deixada. Nos períodos de ausência do esposo, a mulher cometia maus tratos à menina, que chorava muito, todos os dias.

Na sequência Lidi mudou-se para a casa de uma tia, onde o tratamento também não foi adequado. E, à partir deste momento, foi uma sequência de mudanças de casas e tutores, e de pedidos à mãe para que voltassem a morar juntas, que até hoje Lidi não sabe contabilizar.

As lembranças vêm à mente com a referência do ano escolar. Quando estava na quarta série, isto é, por volta dos 10 anos, a mãe buscou todos os filhos para morar com ela, menos Lidi. Aquilo foi a última gota para o mergulho em uma tristeza, que hoje adulta ela classifica como depressão.

Ainda na adolescência, após muita insistência de Lidi e até a intervenção do irmão mais velho, a mãe permitiu que ela morasse com eles, porém, a menina sentia que era tratada de forma diferente. Para fugir da realidade, continuava a passar bastante tempo lendo fotonovelas e desejando ter a vida daqueles personagens. Sonhava também em encontrar um príncipe encantado, com quem pudesse formar uma “família feliz para sempre”.

Aos 16 anos, sem ter se sentido inserida no contexto familiar, Lidi foi para Belo Horizonte, MG, morar com a irmã, e ajudar nos cuidados da sobrinha. Concluiu o segundo grau e, aos 19 anos, casou com um rapaz de 21, que parecia ser seu príncipe encantado.

Boa em vendas desde criança, tendo aprendido o ofício com uma das tias com quem morou, Lidi, agora mãe de três filhos, conseguiu abrir o próprio comércio e as coisas começavam a melhorar. Um dia, o casal sofreu um acidente, e a sensação de quase deixar os filhos órfãos a fez pensar no legado que deixaria para eles, caso morresse: O seu maior objetivo desde que se tornou mãe era dar a eles tudo que não tivera direito, mas ela pensou qual seria o legado na questão espiritual.

Lidi não tinha lembranças da igreja, porque a família havia se afastado quando ela era ainda bastante pequena, mas ela sabia da existência da Bíblia, e tinha o hábito de tomar como mensagem para si o primeiro verso que lesse de forma aleatória. Sem entender o motivo, por algum tempo, o verso que aparecia sempre tinha relação com o sábado.

Ela procurou uma igreja evangélica e soube que eles não eram “sabatistas” e, como estava sempre ocupada aos sábados em seu comércio, não teve a ideia de ir a uma igreja adventista. Porém, o prefeito decretou um sábado como feriado e proibiu o comércio de abrir, e esta foi a oportunidade para Lidi visitar a igreja e assistir a um culto, estudar a Bíblia e ser batizada pouco tempo depois.

Com o fim do segundo casamento, de novo a vida financeira voltou a sentir um impacto. Por um tempo, Lidi ia ao Ceanorte - que é a central de abastecimento da cidade - onde os legumes e verduras eram vendidos mais baratos, mas o dinheiro era suficiente para comprar pouca coisa, e ela e os filhos chegaram a passar uma semana comendo pepino, o legume em promoção.

Naquela época, Lidi era vendedora de produtos naturais, mas não tinha muitas entradas com a atividade, então ela decidiu fazer um pacto íntimo com Deus, e imediatamente sentiu as coisas começarem a mudar. Sempre ativa na igreja, realizando atividades em vários departamentos, também foi muitas vezes amparada pelos amigos.



Ao participar de um final de semana especial, cujo tema era vida emocional, Lidi se encontrou em um processo de ressentir medo, desamparo e chorar muito. Conversando com a mãe, com quem ela sempre buscou ter um bom relacionamento a despeito do passado, Lidi ficou sabendo que ela esteve presente na casa no momento do assassinato do pai, e que fora escondida em um quarto escuro. O choro incontido, o pavor do escuro e a sensação de abandono eram os mesmos que a bebê Lidinalva havia vivenciado.

Naquele dia, Lidi aceitou que a dor que tanto a maltratava desde a infância era fruto daquele trauma, e terminou o evento com a sensação de cura. A vida continuava melhorando em todos os aspectos.

Um dia, quando estava em casa, foi visitada por um conhecido, que lutava contra um câncer de esôfago, e que precisava consumir alimentação 100% líquida. Para ajudá-lo, Lidi decidiu voltar ao Ceanorte, e pedir doações de frutas e verduras. Mal sabia ela que iniciava-se ali o grande ponto de virada de sua vida. O ano era 2007.

Com a ajuda de dois amigos, ela começou a receber as doações dos feirantes, o que exigia carros cada vez maiores para o transporte, e não demorou muito para o grupo precisar utilizar caminhões. As distribuições, que começaram a ser feitas em um bairro especificamente, teve o número de comunidades atendidas ampliado, e em 2020 já atende famílias necessitadas de toda Montes Claros e outras cidades do entorno.

Em 2012, a iniciativa que começou despretenciosa foi oficializada, tornando-se uma ONG chamada Corrente do Amor, com reconhecimento do poder público e de várias entidades. Toda a equipe é composta por voluntários, e agora a ONG tem sede em um espaço alugado por patrocinadores.

Cerca de duas mil famílias são cadastradas para receber ajuda constante, e podem também participar das oficinas profissionalizantes, com foco na instrução para complementação da renda familiar. A oficialização não a distanciou o trabalho de Lidinalva da Igreja Adventista, ao contrário, através da ONG a Campanha Quebrando o Silêncio, por exemplo, é amplificada, com as atividades sendo realizadas em escolas e outros pontos públicos.





Lidinalva
vigi.com.br





Quero um marido *missionário*

*N*a zona rural de Andradas, no sul de Minas Gerais, o cultivo do café era a única fonte de sustento para muitas famílias. Quem não possuía terra, poderia trabalhar em um acordo chamado “à meia”, onde o lucro da colheita é dividido entre fazendeiro e arrendatário.

Enquanto o marido estava na roça, a mãe de Sirlei Teixeira Malaquias cuidava da casa e completava a renda fazendo doces para vender e lavando roupa para fora. Os filhos foram nascendo e completando uma prole de quatro.

A escola mais próxima ficava a 2 km de distância mas, assim como as outras da região, só tinha turmas até a quarta série. Quando necessitava ajudar o marido na colheita, a mãe levava as crianças pequenas para serem cuidadas, mas, quando alcançavam nove ou dez anos, os filhos já eram mão-de-obra importante e necessária.

Neste contexto, Sirlei e os irmãos cresceram, sem muitos sonhos. Não havia outros padrões para se inspirar ou comparar, e a vida ideal parecia ser aquela mesmo. Alegria mesmo acontecia quando iam para a igreja com a mãe, e participavam das atividades infantis com muita música.

A igreja ficava em outra comunidade e a cada vez que iam para lá, acontecia uma briga em casa. O pai era totalmente contrário ao envolvimento com crentes, mas a mãe e as crianças gostavam muito, além de saberem que avós e tios maternos também gostavam dos cultos. Mas, a oposição do pai venceu e, aos poucos, todos foram deixando de ir aos cultos.

Aos 11 anos de Sirlei, quando se mudaram para uma fazenda maior, as crianças começaram a ter vontade de morar na zona urbana. O trabalho no campo era pesado, eles já não tinham escola para ir; porém o sustento da família era tirado da terra, e assim os anos foram se passando.

Aos 16 anos, o sonho de Sirlei foi realizado quando a família toda se mudou para a cidade. Os sonhos agora eram outros. Ela queria estudar, ter uma profissão e havia escola para seguir estes passos. Mas, o impedimento desta vez vinha da mãe que, há anos lutando contra uma depressão, tinha medo de que os filhos fossem para a escola, e assim, nenhum deles realmente foi.

Mesmo assim, Sirlei conseguiu um bom emprego em uma loja da cidade, aos 17, e já estava atenta para enxergar o rapaz que seria resposta das suas orações. Começou a namorar com um, que era evangélico, mas se desiluiu ao analisar alguns comportamentos. Ela não desistia. Sentia que o seu marido seria aquele que estudaria a Bíblia com ela, “como os crentes que via lá na roça”.

Por um tempo Sirlei frequentou uma igreja evangélica na cidade, mas sentia que não se encaixava com os rituais e mensagens; até que um vizinho, que era adventista, a convidou para estudar a Bíblia. Imediatamente ela se lembrou dos tios que falavam bastante a respeito dos adventistas.

A resposta veio em uma noite onde vários amigos se juntaram para comer pastel, e Sirlei não só foi convidada como convocada para preparar os pastéis. Entre outros jovens, Sirlei se sentiu atraída por um rapaz, e a receita desandou. A receita dos pastéis deu errado como nunca antes, mas, mesmo assim, naquele mesmo dia eles iniciaram uma aproximação, o que resultou em namoro pouco tempo depois.

Eles passaram a estudar a Bíblia juntos e mesmo antes do batismo de Sirlei já estavam dando estudos bíblicos para outras pessoas. O pai dela não fazia oposição, já que ela entrava na fase adulta, trabalhava e era evidente que eles logo se casariam. Dar estudos bíblicos com o namorado era uma confirmação dos sonhos de infância.

O batismo aconteceu na primavera, em 1990 e, no ano seguinte, eles se casaram. De volta à roça, morando em uma casa emprestada por uma amiga da igreja, eles iniciaram a vida com bastante dificuldade, porém cientes da direção divina.

Mesmo morando na zona rural, o casal continuou dando estudos bíblicos na cidade, à noite, após o expediente. Os filhos vieram, ficou mais difícil a rotina, mas ainda assim eles nunca deixaram de dar estudos bíblicos juntos.

Cerca de 100 pessoas já foram alcançadas pelo casal, que se envolve também em outras atividades da igreja. Por 14 anos, Sirlei conduziu as iniciativas sociais da Ação Solidária Adventista, realizando mutirões solidários, que atenderam a população em grandes calamidades, com entrega de alimentos, roupas e sapatos. Este reconhecimento das iniciativas levou-a compor a diretoria da Santa Casa da cidade, um trabalho voluntário que a coloca a frente na resolução de um importante aspecto da comunidade: a saúde.

Desde a primeira semana como adventista, Sirlei atende os departamentos infantis da igreja, cuidando principalmente dos juvenis e rol do berço. Atualmente, na liderança do Ministério da Mulher, o projeto envolve mulheres da região em ações que as insiram em atividades de pregação, em classes bíblicas, pequenos grupos ou em duplas missionárias.







Vi tanta *pobreza* que não consigo *esquecer*

Os acenos com panos brancos nas mãos eram o sinal da população ribeirinha para os profissionais que atuavam na lancha Luminar II. Era início da década de 1960 e no barco que percorria as barrentas águas do Rio São Francisco, no norte de Minas Gerais, estavam Silvalino e Terezinha Freitas que haviam se casado naquele ano e a primeira residência deles era o quarto localizado no convés da embarcação. A casa era também o local de trabalho dos dois que, logo após poucos dias de lua de mel, já iniciavam uma vida de missão.

Silvalino havia recém-terminado o curso de Enfermagem, no Hospital Adventista Silvestre, no Rio de Janeiro, e assumira a função de atendimento à população. Ela, que viveu toda a vida em Juiz de Fora, MG, e completou somente o terceiro ano primário, trabalhava na farmácia, mas era um trabalho não-assalariado. Ela era parceira na missão de Silvalino.

A lancha missionária Luminar II havia sido inaugurada em 1959, dispendo de leitos para atender pacientes e equipamentos médicos; era parte de um trabalho maior iniciado por missionários americanos em 1940, que atuavam também na Amazônia e no interior de São Paulo, na época. Ainda hoje a Igreja Adventista presta atendimento na área de saúde navegando pelos grandes rios brasileiros com a lancha Luzeiro.

Pouco tempo antes de partir navegando por um dos maiores rios brasileiros, Silvalino e Terezinha haviam se tornado adventistas, ouvindo a mensagem pela primeira vez através de Marli, em momentos distintos.

Marli se casou com o irmão de Terezinha e também se encarregou de apresentar Silvalino a ela. Todos frequentavam a igreja adventista central de Juiz de Fora, no mesmo endereço onde o templo ainda hoje está de portas abertas. A cidade tem um grande destaque na história do Brasil, especialmente na época da monarquia e no ciclo do ouro, momento de exploração mineral que deu nome ao estado de Minas Gerais.

No início do século XIX, a cidade de Juiz de Fora recebeu um importante movimento migratório de italianos. Eles eram conhecidos como a elite da cidade, por terem melhores condições financeiras. Inclusive, a mãe de Terezinha lavava roupas para a "italianada" para completar a renda do esposo, que era uma espécie de capataz em uma fazenda. Os filhos dos italianos tinham mais acesso à educação que as demais crianças.

Após deixar de ir à escola, Terezinha começou a trabalhar como empregada doméstica. Silvalino cursou o ginásio no ITA (hoje Instituto Petropolitano Adventista - IPAE) e depois foi para o Rio de Janeiro, cursar enfermagem. Eles já estavam namorando à época mas, embora a distância entre o Rio e Juiz de Fora seja hoje percorrida em menos de três horas, as cartas trocadas por eles demoravam cerca de oito dias para serem entregues.

Assim que Silvalino se formou, eles se casaram; ela usando um vestido branco confeccionado pela mãe. Como não tinham dinheiro para pagar uma diária de hotel, passaram a lua de mel na casa de um amigo.

Ambos tiveram históricos de pobreza na infância, mas nada se compara ao que viram nos cerca de 10 anos que percorreram o rio, fazendo todo tipo de atendimento: dentário, socorrendo pessoas picadas por animais peçonhentos, acidentados, fazendo partos, e etc. Doía a visão da extrema pobreza: crianças e adultos desnutridos pela falta de alimento e doentes pela falta de saneamento básico.

O Rio São Francisco tem quase 3 km de extensão, partindo de Minas até o nordeste brasileiro, onde desemboca no oceano. No seu trajeto, no norte mineiro, ainda hoje corta regiões pobres e, naquela época, outro grande problema era a falta de água potável, o que provocava grandes epidemias.

Silvalino cursou Enfermagem, mas não demorou muito para que tivesse que trabalhar extraíndo dentes e trazendo crianças ao mundo. Ele era o "faz-tudo" da Luminar II! Quando a situação era muito grave, a lancha transportava o doente até a cidade mais próxima, mas, algumas vezes não havia tempo para o socorro, e eles chegaram a perder alguns pacientes, sem poder fazer nada para ajudar.

Trabalhando na lancha, não havia separação entre casa e clínica. Os três primeiros filhos eram levados pelo casal nas missões, mas durante o período escolar eram deixados com amigos. Muitas vezes o quarto da família era utilizada por visitantes e mesmo pacientes. Não havia horário de atendimento, as pessoas eram tratadas na hora em que precisavam. Muitos pacientes vinham de longe, usando carros de boi, sabendo que à margem do rio estaria a Luminar II, e nela Silvalino e Terezinha para atendê-los.

Quando a lancha parava em uma localidade, os missionários também pregavam para a população. Utilizando lençóis brancos da família, projetores eram acionados e do alto do morro os ribeirinhos acompanhavam atentos a exibição de slides. Tudo era novidade, já que quase 100% das comunidades não possuíam energia elétrica.

Na maioria das vezes não havia água potável para eles também. Em algumas paradas da lancha, a missão havia construído postos fixos de atendimento, orfanatos, escolas e casas para receber o casal, porém, nem sempre havia poço artesiano. A solução era tirar a água barrenta do rio e esperar a lama assentar no fundo do pote, para consumir.

Terezinha e Silvalino passaram também por situações perigosas, como a invasão de uma cobra aos aposentos do casal, e por pouco Terezinha não foi picada. Ambos contraíram malária durante o ministério, ficaram doentes algumas vezes, mas sempre sentiram a mão de Deus cuidando deles.

Talvez porque tivessem que passar muito tempo longe, sair em missão com os pais era uma aventura para as crianças. O barco parecia gigante, e em cada parada poderiam ter novos amigos.

Em 1972, atendendo a outro chamado, o casal foi para Montes Claros, MG, onde uma unidade móvel de assistência havia sido montada em um ônibus. Na cidade o trabalho era o mesmo, e eles também atendiam a comunidades da zona rural. A diferença foi que em uma pequena parte deste período, Terezinha foi reconhecida pelo seu trabalho e começou a ser assalariada; e foi quando chegou o quarto filho do casal.

Por cerca de 26 anos, o casal trabalhou diariamente na clínica em Montes Claros, oferecendo atendimentos que foram sendo ampliados a medida que a tecnologia avançava.

Silvalino se aposentou em 1997, e a filha Marislene, que hoje cuida da mãe, acredita que ele não conseguiu administrar a saudade dos tempos em que a adrenalina estava em alta a todo o momento, salvando vidas. Pouco tempo depois da aposentadoria, ele foi ficando triste, adoecendo, até que ele faleceu.

Afetada pelo mal de Parkinson, Terezinha expressa que sente saudade de ajudar as pessoas, mas continua com *flashbacks* de situações de muita tristeza que viveu, principalmente do choro das crianças, e diz que não gosta de lembrar.

É impossível contabilizar a quantidade de vidas que foram salvas pelo trabalho de Terezinha e do marido, mas é fato notável a expansão da mensagem nas comunidades ao longo do Rio São Francisco, que continua sendo hoje a fonte de esperança para muitas pessoas.





Terezinha





Ter *sucesso* é pregar sobre *Jesus*

*D*izem que quem tem nome comprido descende da realeza, e é isso que chama a atenção no início da história de Cesiane Lopes Amaral Monteiro de Barros. Nascida em Teófilo Otoni, MG, ela teve na árvore genealógica membros da aristocracia portuguesa, que se tornaram grandes proprietários de terra no Brasil.

Historicamente, na colonização do Brasil os portugueses trouxeram grande envolvimento com a Igreja Católica, e assim também a família de Cesiane continuou a tradição religiosa por anos, exceto uma tia-avó dela, que havia se mudado para o Paraná, onde se casou com um alemão e se tornou adventista do sétimo dia.

Na fazenda do avô de Cesiane havia muitas capelas e igrejas onde padres e até bispos celebravam missas e realizavam quermesses. Alguns jovens dali foram para seminários, outros se tornaram padres e a mãe de Cesiane era beata - uma espécie de auxiliar dos padres. Porém, Cesiane lembra que desde muito pequena não gostava de ir a estas igrejas e nem de se aproximar da estátua do "Cristo morto".

A situação era contornada pela mãe, até que um dia, depois de ouvir a tia-avó contando a história de Davi para uma criança, durante uma de suas visitas, Cesiane colocou a própria mãe contra a parede. Com cinco anos de idade, questionou sobre as histórias bíblicas que nunca havia ouvido; fato que a mãe confessou que também desconhecia existir.

Na mesma visita da tia, a mãe de Cesiane ganhou o livro *O Grande Conflito*, e, dentro de um mês leu inteiro e decidiu ser batizada, acompanhada também de sua melhor amiga, passando a frequentar a igreja adventista na companhia dos filhos.

A decisão provocou muitas desavenças familiares, principalmente, por parte da avó de Cesiane que foi contrária ao batismo e se distanciou da filha e netos. Porém, nada foi impedimento e, em pouco tempo, a cidade de Padre Paraíso teve sua primeira igreja adventista inaugurada. De volta a Teófilo Otoni, eles continuaram frequentando a igreja.

Aos 14 anos, quando se mudou para Belo Horizonte para estudar, Cesiane deixou de frequentar a igreja e só voltou por volta dos 27 anos, quando já era uma empresária reconhecida. A vida ia bem, estava casada oficialmente com Carlos Alexandre, e os materiais para bebê produzidos nas três indústrias da família tinham excelente aceitação em todo o Brasil.

Para apoiar um trabalho realizado pela ADRA (Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais), parte da produção foi transferida para uma unidade prisional, em 2008, oferecendo oportunidade para centenas de presas. Era uma via de mão dupla, e Cesiane sentia que estava fazendo também um trabalho missionário, já que a parceria significava oportunidades para aquelas mulheres.

Por alguns anos, Cesiane desejou profundamente ser mãe, mas mês após mês o sonho parecia ficar impossível. Por isso, a grande vibração da família no segundo semestre de 2005, quando ela engravidou de forma natural, mas o casal vivenciaria um grande susto no nascimento do Lucas, que precisou ficar um tempo o CTI do hospital.

Os anos foram passando e a rotina familiar foi reestabelecida: muito trabalho, um número cada vez maior de funcionários e maiores entradas financeiras. Na igreja tudo seguia também calmamente, e eles podiam contribuir financeiramente com ações pontuais, patrocinando materiais missionários e ações sociais.

Em 2012, no nascimento da segunda filha, Ester, houve novamente muitos dias de tensão no CTI do hospital. Quando a bebê enfim superou o risco de morte, foi Cesiane quem precisou de socorro imediato: foi diagnosticado sepse, fruto de uma grave infecção da cesária que ficou "imperceptível" nos dias de tensão em que ela havia se dedicado integralmente à filha.

Os médicos alertaram que a situação de Cesiane era bastante complicada e, no hospital, agora temendo pela própria vida, ela fez um pacto com Deus, sem ter muita certeza de como funcionaria; mas a promessa era dedicar integralmente seu tempo para a família e para a missão. Cesiane havia entendido que nem todo o dinheiro que ela tinha acumulado com anos de sucesso profissional eram suficientes para salvá-la naquele momento de internação, e que ela era muito importante para a família, especialmente para os dois filhos.

Quando a situação foi controlada e, já de volta para casa, Cesiane entendeu que, para que a promessa se cumprisse, seria necessário abrir mão de tudo que havia conquistado até ali. Isso significaria algumas multas contratuais de participação em eventos antecipadamente marcados, pagamentos de rescisões trabalhistas de profissionais como o motorista particular que estava com ela há aproximadamente 15 anos, e, certamente, uma grande queda no padrão de conforto familiar.

Não foi uma decisão fácil e muito menos aprovada por todos, mas ela decidiu encerrar as atividades das empresas, em troca de uma missão que ela não tinha ideia qual seria. Cesiane não tinha dúvidas de que deveria trabalhar integralmente para Deus, e isso bastava.

Como ela já tinha contatos no Centro Prisional Estevão Pinto, devido a parceria de suas empresas, o trabalho missionário ali parecia um caminho óbvio. A situação da população carcerária havia despertado a atenção desde que ela pôde conhecer mais de perto, e havia um amplo campo para ministração de estudos bíblicos ali. Ela começou ser cada vez mais frequente no presídio e ainda nos dias de hoje Cesiane visita a unidade duas vezes por semana para as classes bíblicas.

Contudo, Cesiane nunca se esquecia de que em seu pacto prometeu que se entregaria integralmente, e sempre estava procurando se envolver mais em ações missionárias, para descobrir talentos e oportunidades que a fizessem mais útil. Pregador era um grande desafio! Cesiane não se sentia capacitada para falar à frente de muitas pessoas e não pensou duas vezes antes de participar da Escola Missionária, realizada em BH, onde haveria oficinas de oratória e elaboração de sermões. Logo, estava iniciando uma carreira missionária, onde o próprio testemunho motiva outras pessoas a se envolverem na missão.



Um dia, ao passar pela sede da Associação Mineira Central para uma reunião com a líder do Ministério da Mulher, Cesiane foi informada de que na sala ao lado estava uma pessoa que desejava repassar um asilo para a ADRA. Porém, a instituição não tinha condições de aceitar a proposta imediatamente, principalmente, porque na época o forte da atuação era com crianças em vulnerabilidade social, não idosos.

Cesiane sentiu imediatamente que deveria entender mais a situação e aquela proposta, e marcou uma visita ao local para os próximos dias. A primeira surpresa foi descobrir que o endereço da instituição era em uma cidade sem a presença adventista, e logo pensou que talvez seria uma oportunidade de repetir a iniciativa pioneira da mãe, que anos antes havia dado início à primeira igreja de Padre Paraíso.

Chegando lá, viu um empreendimento de quase três milhões de reais que estava quase terminado, mas naquela fase os administradores não tinham condições de dar continuidade. Cesiane cumpriu então toda a burocracia e iniciou o planejamento para o que seria seu projeto missionário da vida: pela primeira vez em muitos anos de adventismo se debruçou atentamente na leitura sobre saúde que a denominação tem, já que a primeira iniciativa seria transformar um dos prédios em uma clínica médica que oferecesse atendimento baseado nos remédios naturais.

A obra estava abandonada e, por isso, Cesiane iniciou a busca por parceiros para custear o acabamento. Sozinha, e não sendo mais empresária, ela não tinha recursos para um empreendimento daquela envergadura; porém, em seis meses, eles concluíram a unidade e puderam começar a receber os primeiros pacientes.

Além de ser uma importante ferramenta missionária, o Life Style Center é também uma excelente oportunidade de adquirir recursos para a outra parte do projeto: um asilo para abrigar idosos em vulnerabilidade social da região. Um terceiro trabalho realizado no mesmo local é a Escola Missionária, em funcionamento há quatro anos.

Atualmente, o Wildwood Health Institute é parceiro do empreendimento fundado por Cesiane com o apoio de colaboradores. A instituição americana estabelecida há várias décadas está supervisionando as atividades e a equipe para a implantação do atendimento com qualidade e eficiência.

O salão de festas da casa de Cesiane se transformou em uma igreja a partir de 2018. Com o tempo integralmente voltado para a missão, Cesiane mantém ainda uma rede de 2500 pessoas com quem estuda a Bíblia pela internet. Sempre que convidada, Cesiane faz palestras em eventos de capacitação de missionários.



Cesiane





As *mulheres* sempre trabalharam

*I*rene Rocha nasceu em uma pequena localidade chamada Igarapé Grande, no Maranhão. Era 1943, e graças ao trabalho dos pais no ramo de farmácia, ela e os 12 irmãos puderam ter uma vida confortável, e acesso à educação. Quando concluiu a etapa escolar disponível onde morava, partiu para Teresina, PI, e, depois, para São Paulo, onde cursou magistério; sempre estudando em colégios particulares.

Foi através de uma prima, com quem ela morou por cerca de quatro anos, que Irene conheceu Zinaldo Rocha, com quem ela se casou anos depois. Também sozinho em São Paulo, ele tinha interesse em aprender sobre a Bíblia, desde que dividiu apartamento com alguns estudantes de Teologia.

Assim que terminou o magistério, Irene foi para Bahia onde moravam os futuros sogros, com a intenção de assumir uma vaga de professora até a data do casamento, marcado para uns seis meses à frente. Neste período, Zinaldo, que havia ficado em São Paulo, decidiu ser batizado, mas Irene só tomaria a mesma decisão cerca de dois meses após o casamento, ocorrido em 1966.

Morando na Bahia, atuando como professora enquanto Zinaldo trabalhava em uma fábrica, a vida seguia tranquila até que ele começou a expressar o sonho de estudar Teologia em Recife, no ENA (Educandário Nordeste Adventista). Já com dois filhos, partiram para o desconhecido, confiantes que poderiam contar com o salário fruto do trabalho de Irene, enquanto Zinaldo se dedicava aos estudos. Era 1971 e, para auxiliar a renda familiar, nas férias ele vendia livros na colportagem.

Em 1975 veio o primeiro chamado para o Recife, e eles mudaram de distritos pastorais algumas vezes, na mesma cidade, até que Zinaldo assumiu a direção de um departamento na sede regional da igreja, chamada Missão Nordeste. Irene foi convidada para atuar na gerência administrativa da Clínica Adventista na cidade, onde teve a oportunidade de se aproximar um pouco mais da área de interesse desde a infância.

Na época em que Irene nasceu, os farmacêuticos tinham uma atuação mais ampla no atendimento de doenças e acidentes, sendo muitas vezes o único suporte de saúde em uma região. Ainda criança, Irene começou a sonhar em ser uma médica, mas isto nunca foi realizado. Entretanto, atuando em diversos setores da clínica, não especificamente atendendo pacientes, ela pode vivenciar um pouco dos avanços que a medicina havia adquirido naqueles anos. Esta experiência se somou ao sonho, e foi extremamente relevante anos depois, no ministério desenvolvido no estado do Espírito Santo.

Tanto nas igrejas de Recife quanto em Belo Horizonte, por onde passaram, Irene teve um comportamento bastante atuante como esposa de pastor; sempre foi envolvida em atividades ligadas ao Departamento Jovem e, principalmente, as Dorcas - departamento que antigamente coordenava as ações sociais dos adventistas e que, atualmente, se chama Ação Solidária Adventista. Sempre bastante criativa e animada, Irene desenvolvia gincanas e outras atividades que pudessem mobilizar os membros em grupos. Em Belo Horizonte, Irene voltou à sala de aula e se tornou Técnica em Nutrição.

Chegando a Vila Velha, ES, Irene notou que havia uma sala da igreja que não estava sendo utilizada. Inicialmente projetada para atender as crianças do Rol do Berço, estava vazia porque as mães utilizavam outro espaço no templo que, por ser cercado por vidros, permitia a elas que assistissem aos cultos enquanto cuidavam das crianças.

Irene teve a ideia de iniciar um trabalho médico-missionário, com apoio das dorcas, e desta forma, por algum tempo as pessoas da comunidade puderam ter atendimento com clínico geral, pediatra e ginecologista. Pouco tempo depois, Irene trabalhou como nutricionista no Hospital Adventista de Vitória.

Quando foram transferidos de distrito, Irene assumiu a Secretaria de Ação Social a convite da prefeitura, e iniciou um relevante trabalho na área de combate à desnutrição infantil. Entre 1976 e 1993 a LBA (Legião Brasileira de Assistência) coordenava um trabalho nacional, realizado nas sedes municipais, para redução dos índices de mortalidade infantil, ocasionados pela pobreza e desnutrição, e era Irene quem implantava as iniciativas na cidade.

Não demorou muito para que a oficialização iminente do Ministério da Mulher se tornasse notícia no Brasil. A sede mundial da Igreja havia definido diretrizes orientando a todas as associações e uniões para terem uma líder dedicada em tempo integral ao trabalho feminino. Era, enfim, a formalização da iniciativa que, por volta de 1900, havia sido interrompida com a morte da idealizadora, Sarepta Henry.

Irene foi convidada a assumir a liderança do MM na Associação Espírito Santense, inicialmente atuando como voluntária, durante nove meses. Havia uma dificuldade de entendimento e certa oposição por parte de alguns líderes no início do trabalho, mas não havia como negar que as mulheres sempre trabalharam para Deus.

Porém, por parte das mulheres, Irene recebia entusiasmo e interesse em aprender em cada lugar que passava. A cada programa realizado era maior o número de participantes, e as mulheres passaram a coordenar programas também nas igrejas locais. Irene percorria o Estado realizando congressos, seminários e palestras, levando especialistas convidados, e entregando materiais de apoio para as mulheres.

Da mesma maneira que demorou para que Irene fosse assalariada pelo trabalho, custou também para ter um orçamento para as ações, e, muitas vezes ela precisou recorrer a caronas para estar em eventos previamente agendados. A criatividade inata e aprimorada nos anos de ministério era a principal ferramenta para os grandes encontros, sempre com encenações, cores e movimento.

Perto da aposentadoria, quando deixou de ser líder do Ministério da Mulher, Irene assumiu a Secretaria Executiva da Ouvidoria Parlamentar da Câmara dos Deputados no Espírito Santo. Mesmo assim, nunca deixou de participar de eventos ligados ao Ministério da Mulher, inclusive no exterior.

Em 2005, após a jubilação (aposentadoria) do esposo, o casal passou a se dedicar integralmente à família.





Irene





Nada me impedirá de *cumprir* o que *Deus* quer

*A*os 25 anos de idade, ter a honra de ver seu primeiro livro de 64 páginas sendo lido por centenas de pessoas era um sonho que parecia distante, especialmente porque, oito anos antes, mais precisamente em 24 de outubro de 1844, a jovem Ellen Gold Harmon havia participado de um evento traumatizante para muitas pessoas: Eles pensaram terem descoberto a data do retorno de Jesus e foram personagens do episódio conhecido como o Grande Desapontamento.

Mas, não! O livro era real e as pessoas gostaram muito!

Para editar seu primeiro livro, intitulado *A Sketch of the Christian Experience and Views of Ellen G White*, Ellen teve o apoio irrestrito do marido, Tiago White. Era a primeira experiência literária em uma jornada que resultou em 49 livros originais em Inglês, e mais de cinco mil artigos, e um reconhecimento mundial como autora.

Tudo começou com um grave incidente, vivenciado aos nove anos de idade, ao voltar da escola com a irmã gêmea, Elisabete. Anos antes, nascidas em uma família de oito filhos, as meninas assistiriam os primeiros movimentos para a abolição da escravidão americana, que submetia negros a trabalhos pesados desde o início da colonização do país, ocorrido em 1619.

No ano do seu nascimento, 1827, a escravidão foi oficialmente abolida no estado de Nova Iorque, mas havia ainda um caminho longo até que todo o país tomasse as mesmas medidas; naquele ano foi lançado o primeiro jornal afro-americano, *Freedom's Journal*, que publicava as lutas pela liberdade dos negros escravizados. A imprensa se tornava uma poderosa ferramenta para divulgação de filosofias e enfrentamentos.

Não fazia muito tempo que toda a família havia se mudado da fazenda onde as gêmeas nasceram para a cidade de Portland, no Maine, ao norte dos Estados Unidos. O pai, Robert Harmon, se aventurava no mundo dos negócios produzindo chapéus, com a ajuda dos filhos nas horas livres. A escola ficava a cerca de três quadras da casa onde moravam.

Foi aí que tudo mudou rapidamente. Atingida por uma pedrada no nariz na volta da aula, Ellen ficou inconsciente por cerca de três semanas. Em uma época de escassos recursos médicos e de comunicação, o estado físico da frágil menina deixou os pais e a comunidade preocupados. Ellen precisou abandonar os estudos, mas todos estavam agradecidos por ela ter sobrevivido ao trágico incidente.

Enquanto o movimento milerita ganhava força nos Estados Unidos, durante uma reunião campal dos metodistas, Ellen Harmon, aos 12 anos, decidiu ser batizada, em uma cerimônia realizada em uma praia local. A busca por entender mais a Bíblia e conhecer os movimentos que pregavam a iminente volta de Jesus levou toda a família às reuniões que os adventistas realizaram na cidade, entre 1840 e 1842, chegando à conclusão de que o retorno de Jesus seria em 1843, e depois ajustando as contas e divulgando uma nova data, para 1844.

Ellen não conseguia se calar e era uma pregadora do advento entre os jovens, utilizando as próprias economias para isso. Assim como os demais, ficou com o coração amargurado quando a previsão não se cumpriu, mas rapidamente usou sua jovialidade, curiosidade e entusiasmo para continuar os estudos, orar e descobrir onde haviam errado, enquanto muitos começaram a abandonar a fé.

Em uma manhã fria de inverno, enquanto junto com quatro de suas irmãs fazia parte de um grupo de oração na casa de uma amiga, Ellen vivenciou o que é reconhecido como a sua primeira visão.

Ela relatou pouco tempo depois que visualizou claramente um grupo esperando a volta de Jesus, que alguns se cansavam pelo caminho, mas eram animados por Jesus a seguir, e ela pôde conhecer a Nova Jerusalém.

Aqueles dias eram difíceis para aquelas pessoas, com alguns se aproximando do radicalismo e fanatismo. Entretanto, a visão trouxe uma sensação de recomeço a vários que se encontravam desconsolados e, mais do que nunca, Ellen Harmon empenhou-se em continuar a pregação da volta de Jesus por várias partes dos Estados Unidos.

Em uma viagem missionária, Ellen conheceu um jovem de 24 anos, chamado Tiago White; e em várias reuniões de adventistas, eles tiveram a oportunidade de se conhecer melhor, até decidirem se casar em 1846. A lua de mel foi dedicada a intensos estudos sobre a santidade do sábado, até que, cerca seis meses mais tarde, uma nova visão dada a Ellen White (já com o sobrenome do esposo) lhe confirmou o completo entendimento do quarto mandamento bíblico.

A vida não era fácil para o casal. A escassez de recursos fazia parte da rotina e o trabalho duro de Tiago nos campos e na construção de estradas de ferro ocupava o precioso tempo que o casal desejava dedicar aos estudos bíblicos.

Nestas condições difíceis, um ano após o casamento, Ellen deu a luz o primeiro filho, a quem deu o nome de Henry Nichols. Pouco depois, o casal tomou uma dolorida decisão e deixou o ainda bebê aos cuidados de amigos de confiança, enquanto eles percorriam longas distâncias de charrete, para pregar sobre as descobertas que faziam. Ellen também dedicava grande parte de seu tempo registrando seus conhecimentos em artigos escritos à pena.

Atenta às tendências e novidades, e sabedora do papel da eficiência da mídia impressa, Ellen sabia que era necessário aproveitar-se dela para potencializar o alcance da mensagem. Por isso, em 1849, lançaram o jornal *The Present Truth*, que a cada dois meses publicava oito páginas de artigos, com apresentação de mensagens bíblicas e de advertência.

Foi assim que ela chegou aos 25, ciente do papel que deveria desempenhar no mundo, abrindo mão de melhores condições pessoais em busca de um desejo maior de tornar conhecido tudo que descobria. O desejo de ter a sua própria impressora - na época um prelo manual - só foi conquistado por volta de 1850, quando se mudaram para o Michigan, onde receberam uma casa como doação, para morar e servir como gráfica.

À medida que a tecnologia avançava, por exemplo com o surgimento do telégrafo, a aceitação dos novos livros aumentava e o número de conversos crescia. Entretanto, isso tornava ainda mais cansativa a tarefa de pregar, com viagens mais longas e frequentes de trem, carroça e trenó, enfrentando baixas temperaturas em locais pouco habitados.

Quando voltava das viagens, Ellen dedicava tempo aos, agora, quatro filhos e também ajudando as famílias vizinhas que enfrentavam dificuldades. Em 1860, uma tristeza tomou conta da família com o falecimento do caçula, John Herbert, acometido de erisipela aos três meses de idade; porém, poucos dias depois, há relatos do casal participando de um encontro de obreiros evangélicos. Eles não descansavam.

Naqueles anos, Ellen White recebeu visões a respeito da correlação entre a saúde física e a saúde espiritual, o que resultou em vários materiais de orientação sobre hábitos saudáveis. Havia uma preocupação com as epidemias da época, e, principalmente, com a sobrecarga física e mental enfrentada pelos obreiros, devido ao trabalho e viagens.

O ano de 1863 foi marcante nos Estados Unidos, pois, já em 1 de janeiro, houve a proclamação presidencial que deu a liberdade definitiva a negros escravizados em todo território nacional. Entre os adventistas foi também um ano de celebração, com a organização oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Entretanto, para o casal White, foi marcado por mais uma perda: desta vez do primogênito, Henry, acometido de pneumonia.

Por conta dos ensinamentos de Ellen White sobre saúde, os adventistas deram início a abertura de hospitais; ao mesmo tempo que a saúde de Tiago se tornava cada dia mais frágil, devido à carga de trabalho ministerial. Por um tempo, o casal refugiou-se na zona rural, para recuperar as energias, mas Ellen nunca deixou de escrever e publicar em livros as revelações que recebia. Construir escolas que pudessem formar cidadãos conscientes e obreiros missionários foi outro plano ousado, orientado por Ellen White, e implantado pela Igreja.

Durante o período em que o casal voltou a viajar, os eventos eram cada vez mais grandiosos. Em 1877, os sermões de Ellen White foram acompanhados por 15 mil pessoas em Massachusetts. Em um exemplo da popularidade de Ellen e dos seus textos na época, o livro O Grande Conflito se tornou best-seller, com a venda de 50 mil exemplares em três anos.

Em agosto de 1881, Ellen White perdia seu amor, seu companheiro e o primeiro a dar crédito aos seus escritos. No dia do funeral, ao lado do caixão do marido, Ellen White deu mais uma demonstração da força que a movia, dizendo que nada a impediria de continuar o que Deus lhe pedia. E cumpriu, porque dias depois há registros da participação dela em eventos missionários na costa do Pacífico.

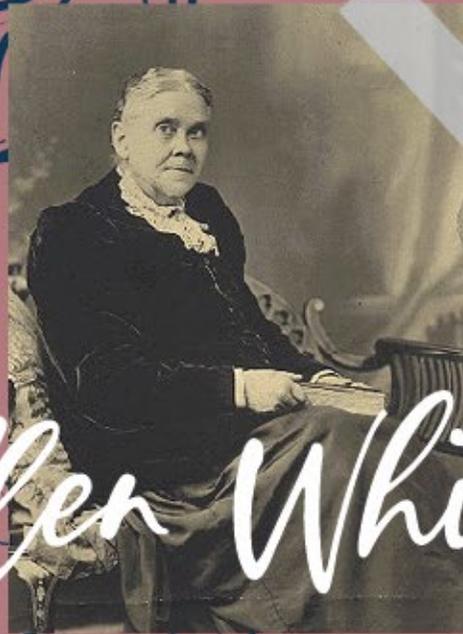
Já viúva, Ellen foi enviada para missões na Europa e Austrália, onde ficou por nove anos, até decidir voltar para o país de origem, em 1900, onde dedicou seus últimos 15 anos aos estudos, à redação e publicação de mais livros e realizando as últimas viagens missionárias pelo país.

Cinco meses antes do seu falecimento, Ellen White fraturou o quadril ao sofrer uma acidente em sua sala de estudos. Confinada à cama, foi ficando com a saúde cada vez mais debilitada, porém, continuou emocionalmente forte, expressando palavras de conforto e ânimo aos amigos e parentes.

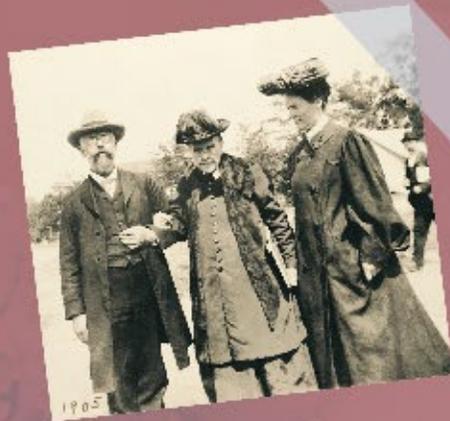
Em 16 de julho de 1915, terminava a trajetória de Ellen White, aos 87 anos, mas seus efeitos ecoam em todo o mundo, em mais de 100 mil páginas escritas, mais de 150 livros traduzidos (incluindo compilações) em cerca de 160 idiomas.

Há poucos anos, o nome de Ellen White foi inserido na lista dos cem americanos mais influentes da história.

*Os livros dela podem ser lidos gratuitamente em aplicativos e na internet, bem como podem ser adquiridos na Casa Publicadora Brasileira.



Ellen White





Me redescobri ao ser *missionária*

*J*osimar Machado tem dificuldade de contar quantas vezes mudou de casa, de cidade e de estado até os 10 primeiros anos de sua vida. É que o pai, José Andrade Machado, era um colportor evangelista, o que significava que, periodicamente, ele deveria se apresentar em localidades onde era identificada a necessidade de pregação. A primeira ferramenta era a venda de livros e revistas, mas sempre acompanhadas da oferta de estudos bíblicos.

A venda de livros foi a primeira estratégia missionária utilizada no Brasil no início do adventismo, por volta de 1890. Tudo começou com a venda de livros em alemão, trazidos na bagagem em longas viagens de navio, porém logo se fez necessária a publicação de periódicos e livros em Português. A revista O Atalaia foi lançada em 1923 e a revista Nosso Amiguinho em 1955; esta última continua em circulação até os dias de hoje.

O fato é que Josi, os seis irmãos e os pais chegaram ao Rio de Janeiro, por volta de 1968, e se estabeleceram em Caxias. Os filhos foram logo matriculados na escola adventista e não demorou muito para que iniciassem o estágio com o pai, um profissional que é reconhecido como um dos maiores colportores evangelistas do Brasil.

A ideia era simples: após a aula, no período da manhã, os filhos partiam com José para o campo, o que quer dizer bater de porta em porta, ele oferecendo livros, e os filhos as revistas.

Josi amava trabalhar com o pai e sempre estava de olho em cada técnica de venda. A habilidade de comunicação, a empatia no trato com as pessoas de diferentes condições sociais e culturais e o espírito missionário eram atitudes que não passaram despercebidas do olhar da pequena aprendiz.

Logo ela já tinha condições de sair sozinha para vender, após a aula e o nutritivo almoço preparado pela mãe. A renda era também importante para o sustento da família e a adolescente encarava tudo com bastante responsabilidade.

Josi vendia revistas do Nosso Amiguinho e também O Atalaia nas ruas centrais da cidade, e sabia explicar tudo sobre o conteúdo e público alvo dos materiais. Não foram poucas as vezes que sentiu-se abençoada de forma miraculosa, especialmente em dias em que vendeu pouco.



Passados alguns anos, Josi iniciou a carreira como professora, após ter concluído uma formação em 1976. Dois anos depois se casou com Sérgio Pinto, que havia se tornado adventista após conhecê-la em um ônibus. Ela havia afirmado, de maneira bem firme já no primeiro encontro, que só namoraria com um rapaz que tivesse a mesma fé que ela.

Pouco depois, mesmo com o nascimento da filha, Josi prosseguiu estudando Sociologia, enquanto o marido terminava Letras e Literatura. O interesse pelos estudos não findava e ambos iniciaram a faculdade de Direito, após casados.

Em 1984 eles deixaram o Brasil, para onde só voltariam em 2013. Enquanto esteve fora, Josi morou em diversos países, por causa da carreira profissional. Poliglota e sempre fazendo cursos e especializações, ela conquistou destaque em altos cargos em multinacionais.

Durante três anos, Josi trabalhou como embaixatriz consorte, ao lado do embaixador da Alemanha em Portugal. Por causa destes contatos e carreira, a filha do casal pôde estudar nas mesmas escolas e faculdades que princesas que, atualmente, estão no poder.

Embora as igrejas fossem diferentes em cada país e Josi passasse boa parte do tempo em viagens internacionais, ela nunca perdeu a oportunidade de participar dos cultos. Em cidades onde não havia templos, ela dedicava o sábado para a adoração em locais variados. A observância do sábado sempre foi respeitada pelos seus chefes, embora a maioria deles não acreditasse nem mesmo em Deus, então ela precisava dedicar tempo a sós com Ele.

Em 1992, com a notícia da doença do pai, as viagens para o Brasil se tornaram mais frequentes. Durante os trajetos, ansiosa por ver a situação do pai se deteriorando, ela começou a ter conversas íntimas com Deus, questionando o que poderia fazer para se aproximar do modelo de vida do pai, do ponto de vista missionário. "Quantas pessoas foram batizadas e quantas igrejas foram inauguradas por causa do amor dele pela missão!", ela exclamava.

Um dia, Josi soube que estava acontecendo uma Semana de Oração na igreja de Caxias, a mesma que sempre frequentou enquanto morava no Brasil. Distante do país há mais de 30 anos, ela não sabia da visibilidade da TV Novo Tempo, e menos ainda reconhecia os nomes dos pastores-apresentadores e evangelistas. Estava na igreja para assistir os cultos, como sempre fazia.

Como chegava sempre cedo, foi abordada pelo pastor Raimundo Gonçalves, evangelista da União Sudeste Brasileira, com o pedido de que conversasse com um almirante da Marinha Brasileira, que estava frequentando os cultos. Sem saber muito o que dizer, ela aceitou e marcou uma visita, mas queria apenas uma entrevista para conhecer detalhes da história dele.

Na casa do almirante, Josi começou a conversar e soube que ele havia iniciado as visitas à igreja a convite da TV Novo Tempo, que nem ela mesma conhecia. Ela não tinha um roteiro de perguntas pré-estabelecidas e só se lembra de perguntar ao homem se ele seria batizado nos próximos dias, ao que ele respondeu que não. Mesmo assim, Josi indicou um texto bíblico e fez uma oração com ele antes de ir embora.

De volta à igreja no dia seguinte, com todas as informações em mãos, Josi ouviu uma conversa entre o pastor local e o pastor Raimundo sobre a decisão do almirante pelo batismo, o que a deixou intrigada, mas bastante feliz. De maneira despretenciosa, Josi iniciava ali uma nova carreira como evangelista voluntária, e a nova tarefa a levou a participar de cursos práticos, como o projeto Valentes do Rei, em que ela esteve em três edições.

Josi passou a visitar pessoalmente todos os dias a pelo menos um interessado pelo estudo da Bíblia. Ela recebe a listagem com informações de interessados através da Novo Tempo e da equipe de atendimento das redes sociais da Divisão Sul Americana, onde o pastor Luis Gonçalves trabalha.

É aí que Josi começou a usar todas as habilidades desenvolvidas na vida, porque as pessoas pertencem a nichos econômicos e sociais dos mais variados: existem pessoas ricas, muito cultas, assim como pessoas residentes em comunidades cariocas, e ela precisa firmar relacionamento com todos. A empatia e a habilidade de se comunicar começou a ser construída pelo pai, na colportagem, e foi lapidada nos anos em que trabalhou na Europa.

Todos os interessados, a quem ela chama de filhos, recebem atendimento personalizado, primeiramente através do WhatsApp, seguindo para conversas telefônicas e visitas pessoais. Josi atende todo o estado do Rio de Janeiro, São Paulo e outras partes do país onde não haja ninguém desenvolvendo o mesmo trabalho que ela.







Uma poetisa *cristã*

*N*a década em que os primeiros missionários adventistas desembarcaram no Rio de Janeiro, por volta de 1890, nascia em Natal, no Rio Grande do Norte, Isolina Alves Avelino Waldvogel. Ela era filha de Pedro Avelino e Maria das Neves Avelino, e foi sozinha que a menina aprendeu a ler e a escrever. Já alfabetizada, foi matriculada em uma colégio de freiras para estudar o primário, mas no meio do curso foi transferida para uma escola evangélica.

A família tinha boas condições financeiras e também um nível cultural elevado, por isso, ela foi educada entre os grandes pensadores do Estado, o que foi importante para o desenvolvimento de habilidades de escrita e idiomas, e também a levou a se interessar pelas artes. Logo que se mudaram para Recife, os pais de Isolina decidiram investir em aulas particulares de Inglês e Francês para ela.

Em 1915, os registros apontam a chegada da família Avelino ao Rio de Janeiro, época em que os pastores Emanuel C Ehlers e Frederico Kümpel estavam realizando séries de conferências na cidade. Naquele mesmo ano, Isolina e os pais se tornaram adventistas.

As mensagens impactaram tanto Isolina que ela pediu aos pais para estudar Teologia no Colégio Adventista Brasileiro (CAB), hoje chamado Unasp São Paulo, que estava abrindo as portas naquele mesmo ano. Pouco tempo depois, conheceu Luiz Waldvogel, um rapaz cinco anos mais novo que havia deixado o interior de São Paulo para também cursar Teologia.

Filho de pais alemães que eram proprietários de um armazém de secos e molhados, Luiz sempre se recusou a vender bebidas alcoólicas e trabalhar aos sábados, tendo o apoio da mãe, mas isso causava bastante problemas com o pai. No dia em que o pai faleceu, aos 17 anos, Luiz decidiu ir para o CAB.

O ano em que aconteceu a Semana de Arte Moderna em São Paulo foi o mesmo ano em que Isolina e Luiz concluíram Teologia. Isolina era apaixonada por artes, e viver aquele movimento que acontecia na mesma cidade em que estava foi importante para a história dela; 1922 foi também o ano em que Luiz conseguiu um emprego na Casa Publicadora Brasileira - a editora de livros adventistas - e começaram os preparativos do casamento, que aconteceu em 3 de abril de 1923.

As primeiras publicações adventistas foram lançadas em 1900 no Rio de Janeiro, com a revista O Atalaia, impressa em um prelo trazido dos Estados Unidos. Surgia a Casa Publicadora Brasileira. Em 1904, a editora foi transferida para Taquari, no Rio Grande do Sul, e as atividades se realizavam próximo ao local onde também havia um colégio missionário adventista. Porém, como a localização não era favorável para a distribuição do material em todo o território brasileiro, em 1907 houve a decisão da mudança da editora para Santo André, SP, onde funcionou 80 anos, até ser transferida para Tatuí, SP.

Logo após a formatura Isolina se tornou professora em uma escola adventista, mas, um ano depois, foi transferida para a Casa Publicadora Brasileira, onde sua habilidade linguística foi extremamente importante. Em 1924, portanto, Isolina começou a trabalhar como tradutora, sendo a responsável pela tradução para o Português de 20 livros de Ellen White. No total, mais de 30 livros foram traduzidos por ela, além de poesias e hinos para Quarteto A Voz da Profecia, para o Hinário Adventista, Melodias de Vitória e Louvores Infantis.

Em 1929, quando a filha, Heloisa, nasceu, Isolina decidiu dedicar-se a maternidade, porém, ela continuou encarregada da tradução dos livros, agora em casa. Ela era uma poetisa muito talentosa e publicou um livro chamado Oferenda, com muitas de suas obras.

Depois de anos também produzindo artigos para os periódicos da Casa Publicadora Brasileira, em 1938, Luiz foi ordenado ao ministério pastoral, atuando diretamente em igrejas em São Paulo, sempre em cidades próximas de Santo André, o que facilitava a continuidade do trabalho de Isolina.

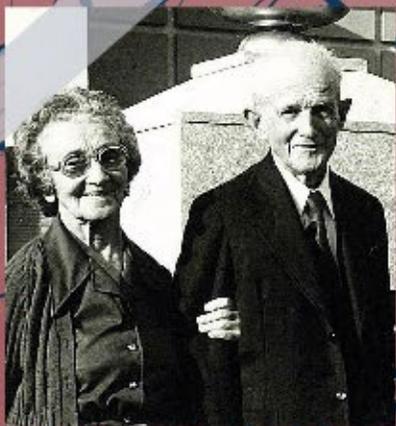
Em 1952, Isolina traduziu o hino dos Desbravadores, que três anos antes havia sido composto pelo pastor Henry Berg, nos Estados Unidos. Naqueles anos, mesmo trabalhando diretamente com igrejas, Luiz concluiu cursos de Português, Filosofia e Economia Política; e ele também continuava de alguma forma ligado à CPB, sendo editor da revista infantil Nosso Amiguinho por alguns meses, e conselheiro espiritual para jovens na coluna mensal da Revista Adventista, chamada Consultório da Juventude, que o tornou conhecido nacionalmente como tio Luiz.

Isolina também escrevia artigos como colaboradora para as revistas: O Atalaia, Revista Adventista e Mocidade. Ao mesmo tempo, desenvolveu um importante trabalho para o Departamento de Educação da Associação Paulistana (sede regional da Igreja Adventista) promovendo a divulgação das escolas e despertando o interesse dos pais para a educação cristã.

No livro Memória do Tio Luiz, ele registra toda a rotina do casal, e faz um capítulo especial dedicado a Isolina, de quem ele reconhece todos os talentos e relevância como uma das pioneiras da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. A poetisa, tradutora, redatora e revisora é descrita como esposa e mãe exemplar, uma mulher abnegada e forte, “a verdadeira personificação do ideal de Mulher Adventista defendido por Ellen White”. Ele destacou o trabalho que ela desenvolveu através das Dorcas, realizando ações sociais, o que pôde também ser comprovado anos depois com a homenagem feita pela prefeitura de Hortolândia, SP, dando o nome dela a uma rua.

Em 1970, após a aposentadoria, o casal se mudou para o interior de São Paulo (Hortolândia), onde Isolina viveu até os 88 anos de idade, falecendo em 1980. Dez anos depois, em Brasília, falecia o pastor Luiz.

Ao todo Isolina Waldvogel dedicou 42 anos de sua vida à obra de publicações. A única filha do casal também já é falecida e não deixou filhos; e é considerada então extinta a descendência de uma das mulheres pioneiras do adventismo no Brasil.





Todos *agora* conhecem a Igreja *Adventista*

*M*aria da Penha Lucas, a caçula de seis filhos, nasceu em Aimorés, MG, em 1950. A vida da família era muito difícil, por causa do alcoolismo do pai, fazendo com que a mãe fosse a responsável pelo sustento da família. Ela produzia e vendia colchões feitos com capim seco, e foi nesse cenário que Maria da Penha viveu até a adolescência.

Por morarem na cidade, todos os irmãos tiveram acesso à educação, completando a graduação que a escola pública oferecida na época, chamada de normal, o que habilitava para dar aulas. Maria da Penha iniciou ainda o curso de Pedagogia, mas foi apenas até o terceiro ano.

Aos 14 anos, Maria da Penha começou a trabalhar e, como nesta época os irmãos mais velhos já eram casados, ela era a única responsável pelo sustento da casa. Ela era vendedora em uma loja da cidade, o que lhe garantia um ordenado razoável.

Aos 16 anos, conheceu o rapaz que se tornaria seu esposo. Ele era de família evangélica, mas não atuante; uns anos antes, Maria da Penha havia começado a frequentar a Igreja Batista, mas parou logo. Casada, a vida financeira era estável, com o trabalho do esposo na prefeitura de Aimorés e o dela, na área de vendas. Os dois primeiros filhos de Maria da Penha nasceram neste período.

Em 1976, a família se mudou para Belo Horizonte, MG, e Maria da Penha foi aprovada no concurso de um órgão ligado à CEMIG (Companhia Energética de Minas Gerais). Quatro anos depois, a família mudou-se para a cidade de Itabira, onde nasceu o terceiro filho.

Em 1984, Maria da Penha foi aprovada em um novo concurso, desta vez para atuar no INSS (Instituto Nacional de Seguro Social). Durante muitos anos, Maria da Penha não ia à igreja, e o casamento vinha enfrentando várias crises.

Até que, por volta de 1994, a decisão de pôr fim ao relacionamento de cerca de 25 anos a levou a uma profunda depressão. Entre muito choro e sentimentos ruins, Maria da Penha tinha pensamentos de vingança, e chegou a orar para que Deus lhe desse a oportunidade de "dar o troco".

Os filhos mais velhos estavam morando distante, por conta dos estudos e carreira, e apenas o caçula estava em casa e, por influência dos amigos de escola, o menino quis participar da cerimônia católica chamada Crisma; por isso ele pediu à mãe autorização para frequentar as catequeses. Naquele momento a mãe o orientou e deu outra ideia: pediu que o filho fosse à Igreja Batista, onde ela havia estado na juventude. Ela não tinha forças físicas para acompanhá-lo e mergulhava cada dia mais na amargura.

A depressão de Maria da Penha era tão grave que ela precisou ser medicada por um tempo em casa com remédios intravenosos. Os filhos ficavam preocupados porque, por longo tempo, não houve melhora. Ela, que tinha sido uma mulher batalhadora e bastante ativa profissionalmente, só chorava e estava definhando.

Porém, tão logo o filho caçula começou a frequentar a Igreja Batista e fazer novas amizades, começaram a surgir os primeiros convites para Maria da Penha participar de programas especiais, e ela foi se aproximando da igreja. Passado algum tempo, o tratamento médico começou surtir efeito e ela começou a ficar mais disposta.

A irmã e a mãe de Maria da Penha haviam se tornado adventistas onde moravam, mas qualquer tentativa de falar sobre a fé delas era interrompida. Maria da Penha não acreditava no que elas ensinavam, achava que o sábado, especialmente, era uma bobagem. Porém, as portas foram abertas quando Maria da Penha ganhou dois livros de presente da irmã: Caminho a Cristo, de Ellen White, e Assim diz o Senhor, de Lourenço Gonzalez, e se dispôs a ler.

A leitura a atraía cada vez mais, especialmente sobre o sábado. Algo que sempre pareceu estranho começou a fazer sentido pela primeira vez. Nesta época, Maria da Penha era líder do Ministério da Mulher na Igreja Batista, e não demorou muito para que começasse a compartilhar o que lia com as quatro amigas mais próximas.

Um dia, a namorada do filho comentou que havia recebido um telefonema dos adventistas, convidando-a para a Semana Santa, e Maria da Penha decidiu ir com uma das amigas. Ela queria sondar como era a igreja e as pessoas que frequentavam.

Na recepção elas foram extremamente bem recebidas pela equipe do Ministério da Mulher, o que a fez se sentir bastante confortável. As visitas começaram a ser cada vez mais frequentes, até que em 2000, após estudos bíblicos, Maria da Penha e duas das amigas, que estudaram a Bíblia e os livros com ela, foram batizadas.

Poucos meses depois, Maria da Penha já estava completamente envolvida no evangelismo, dando estudos bíblicos. Na igreja, começou atuando em duas frentes: O Ministério da Criança e o Ministério da Mulher, e foi com o MM que ela desenvolveu relevantes atividades missionárias, o que colocou a Igreja Adventista do Sétimo Dia em grande destaque na cidade. Como ela mesma havia demorado a encontrar um templo adventista, ela entendeu que isto precisava ser revertido.



Estratégias para envolver todos os membros em ações sociais foram realizadas. Como apoio à Ação Solidária Adventista foi idealizado um plano de cadastro de doadores e receptores de cestas básicas, e um intenso trabalho de acompanhamento e evangelização das famílias necessitadas.

Profissionais que atuam na área de beleza foram inseridos em outra ação, como voluntários em instituições que atendem pessoas em vulnerabilidade social, promovendo momentos de cuidado com o corpo e beleza. Muitas ações foram destacadas pela imprensa local, o que despertou atenção também do poder público, que passou a inserir as iniciativas do Ministério da Mulher dentro do calendário do Serviço de Ação Social municipal.

Quando a prefeitura realizou uma gincana entre ONGs e associações que atuavam na cidade, o Ministério da Mulher ficou em terceiro lugar, o que representou uma excelente colocação frente a instituições organizadas e com patrocínio.

Estar entre mulheres no início da sua trajetória em busca da verdade foi essencial para Maria da Penha, assim como é agora, aos 70 anos, na igreja de Itabira, MG.





Maria da Penha





Contra os *mãos* que recebi quando *criança*

*A*os cinco anos de idade, Eliude Ferreira da Silva Figueiredo, começou a ir a igreja, acompanhada da mãe e dos irmãos. A família residia em Cabo de Santo Agostinho, no Pernambuco, e havia sido batizada em decorrência da pregação feita por familiares. A vida era bastante humilde, por isso logo o pai partiu rumo ao Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidade de sustento para a família.

Um ano depois, foi a vez de Eliude, os três irmãos e a mãe entrarem em um ônibus a caminho do Rio de Janeiro, onde o pai havia encontrado um trabalho como eletricitista. A vibração era grande porque logo estariam todos juntos outra vez. Foram três dias de viagem e Eliude fez aniversário durante o trajeto, o que fez do episódio ainda mais inesquecível para ela.

Assim que chegaram à cidade, eles começaram a frequentar a igreja adventista central de Caxias. Inicialmente, as crianças foram matriculadas em escolas públicas, mas depois conseguiram estudar como bolsistas no Colégio Adventista Caxiense, e Eliude ficou lá até a conclusão do Ensino Médio.

Desde criança, Eliude sempre foi participativa na igreja, e chegou até a diretoria dos Desbravadores. Jovem e solteira, ela trabalhava como secretária no Hospital Adventista Silvestre e, aos finais de semana, dedicava o tempo às atividades da igreja. Um dia participou de uma reunião que mudaria a área de atuação e se curaria de um trauma.

É que chegou a notícia ao Rio de Janeiro sobre a implantação de um trabalho semelhante ao que os Desbravadores faziam, só que com crianças menores, com idades a partir dos seis anos até os nove, chamados Aventureiros. Esta era a única informação disponível no momento, e durante a reunião foi perguntado se alguém naquela igreja estaria disposto a se informar mais e, quem sabe implantar as atividades.

As pessoas que participavam da reunião logo começaram a dizer que esta era uma faixa etária muito difícil de ser trabalhada, e que seria muita responsabilidade cuidar de crianças tão pequenas. Diante da negativa de todos, Eliude não conseguiu se conter. Ela lembrou da própria infância, das inúmeras vezes em que não a deixaram participar de atividades na igreja, quando ela queria e pedia.

Além do nome Aventureiros e faixa etária, Eliude não sabia de mais nada. Por isso se dirigiu à sede regional da Igreja Adventista do Sétimo Dia (Associação Rio de Janeiro) para se informar mais sobre o projeto e ter acesso a materiais. Não havia muita coisa, somente um caderno de especialidades e nenhum material de apoio para a liderança, ou guia para a implantação.

Mesmo assim, Eliude convidou algumas pessoas para participarem desta inovação na igreja, e registrou em ata a abertura do Clube Rígel, em 22 de fevereiro de 1992. Este trabalho não era novidade apenas no Rio de Janeiro, e sim no Brasil: O primeiro clube foi aberto em 1991, em São Paulo, no mesmo ano em que a sede mundial da Igreja havia votado normas e diretrizes para o trabalho.

Sendo assim, havia ainda um longo caminho até que os materiais padronizados, programas e outras informações chegassem a Eliude. Mas, ela decidiu não ficar parada, e como havia sido líder dos Desbravadores, logo pensou que seria interessante planejar um acampamento para as crianças. O mês escolhido foi outubro, quando acontece o Dia das Crianças no calendário brasileiro.

Foi bastante complicado convencer os pais de que seria possível passar um final de semana acampados, com as crianças, sem a presença deles, ainda mais porque Eliude era bastante jovem e solteira, mas aos poucos a resistência foi sendo quebrada.

Para ter sucesso no ensino das crianças, Eliude teve o apoio da professora da escola a quem ela servira como ajudante de sala, no contra-turno escolar do ensino médio; ela ofereceu suporte com dicas de atividades e materiais. A primeira reunião na igreja aconteceu com a presença de dez crianças, o que foi uma surpresa para Eliude.

Logo a notícia começou a se espalhar pelo distrito, e crianças da Vila Operária, comunidade vizinha à Caxias, começaram a participar das atividades do clube. Havia também a presença de crianças de outras denominações religiosas, o que se tornou uma importante ferramenta missionária.

À medida que o Clube Rígel foi se fortalecendo, Eliude passou a ser convidada a palestrar em outras igrejas, orientando a implantação do trabalho. A verdade é que há muitos anos, pais e líderes da Igreja sabiam da necessidade de envolver esta faixa etária em algum tipo de atividade, mas nada havia sido implantado oficialmente. Nos documentos antigos da Igreja há uma tentativa de estabelecer um programa voltado para crianças em 1972, nos Estados Unidos, mas que não teve continuidade.

Por alguns anos, só aconteceram ações pontuais, ou seja, programas de um final de semana, e não algo que se estabelecia e funcionaria de forma regular. É somente em 1988 que a Igreja começa a estudar mais profundamente as maneiras de implantar em todo o mundo um trabalho coordenado, com as crianças, respeitando a capacidade motora, de aprendizado e também analisando questões de segurança.

O clube de Aventureiros piloto foi implantado nos Estados Unidos em 1990, e já em fevereiro de 1992 Eliude aceitava o desafio de oferecer para crianças uma atividade atraente e que as ensinasse sobre a Bíblia.

Durante os sete anos em que dirigiu o Clube de Aventureiros Rígel, Eliude participou de diversos treinamentos e viu o número de crianças quase quadruplicar, e centenas de outros clubes serem abertos no estado do Rio de Janeiro.

Somente em 2001 e em 2008 Eliude se tornou mãe, e quando isso aconteceu já estava mais que habilitada para lidar com crianças, graças ao entusiasmo de liderar uma iniciativa tão desafiadora. Atualmente, Eliude voltou a trabalhar com os desbravadores da igreja e também dirige a Ação Solidária Adventista local.





Eliude





Minha *casa*, minha *igreja*

*E*m 19 de setembro de 1932, nascia na zona rural de Bom Jesus de Itabapoana, RJ, Ruth Barbosa de Oliveira. A vida era simples, com todos trabalhando desde a infância na fazenda de café, e isso fez com que Ruth parasse de estudar ainda na terceira série. Os pais eram presbiterianos, por isso, ela cresceu participando de reuniões da denominação e em ambiente religioso diferente da maioria da população local.

Bom Jesus de Itabapoana fica na divisa do Rio de Janeiro com o estado do Espírito Santo, e é uma cidade bastante antiga. Por muitos anos, a lavoura de café era o campo de trabalho escravo, o que impulsionou a economia do município ainda no século 19; e as festas tradicionais católicas feitas pelos colonizadores na época, descendentes de portugueses, ainda fazem parte da tradição do município. Um personagem importante da cidade é o padre Antônio Mello, procedente de São Miguel, em Portugal, que atuou na comunidade até 1947.

Quando Ruth se casou, e se mudou para a cidade, os pais dela decidiram fazer o mesmo. Um dia, enquanto trocava de estações de rádio, o pai de Ruth encontrou um programa que despertou seu interesse. Era o programa A Voz da Profecia, com o pastor Roberto Rabelo, uma iniciativa de comunicação massiva dos adventistas do sétimo dia, que havia sido iniciada em 1943. O sinal que ele captou era de uma das 17 rádios brasileiras que transmitiam o programa, na época.

Imediatamente, ele contou a novidade para Ruth, que também passou a acompanhar as transmissões. Durante o programa, o pastor indicava uma caixa postal para solicitação de estudos bíblicos, caso o ouvinte se interessasse. Prontamente, eles enviaram uma correspondência e receberam como respostas os estudos bíblicos.

Naquela época, não havia nenhuma igreja adventista na região. A mais próxima ficava em Campos, distante a exatos 100 km de Bom Jesus do Itabapoana. Talvez por causa disso, Ruth decidiu que seria fiel a nova doutrina frequentando a mesma igreja de sempre, mas ela ainda não tinha total entendimento e aceitação a respeito dos ensinamentos sobre saúde.

Uma noite, Ruth sonhou com a volta de Jesus e se assustou com o fato de não ter sido salva por não fazer parte da igreja verdadeira. Foi então que ela decidiu ser batizada, e foi um pastor que atuava no Espírito Santo que se dirigiu para lá para oficializar a decisão dela e dos familiares.

A partir daquele dia, Ruth se tornou uma incansável missionária. Mesmo com pouco estudo, ela era capaz de ensinar tudo o que aprendia para as pessoas. Como não havia um templo, os cultos aconteciam na casa dos pais, e depois foi ela quem decidiu transformar a própria casa em igreja, onde realizava cultos todos os sábados.

As visitas pastorais não eram muito frequentes, e tudo ficava mais difícil devido as longas distâncias e escassos meios de comunicação. Na ausência do pastor, era Ruth quem assumia os sermões baseados em revistas produzidas pela Igreja, que ela recebia em casa, e também de alguns sermonários doados por pastores.

Quando as pessoas que tinham melhores condições financeiras se tornavam adventistas passavam frequentar a igreja em Campos. Porém, para aquela família ainda era complicado dispor de dinheiro todos os finais de semana para pagar a passagem de ônibus para todos.

Por 24 anos os cultos foram realizados na casa da família. Um episódio marcante e triste da vida missionária de Ruth, foi quando eles conseguiram que um quarteto capixaba se apresentasse na cidade. Ela se empenhou em avisar a comunidade, entretanto, a despeito de todo o esforço, poucas pessoas compareceram; talvez por causa do evento ter sido realizado na cidade vizinha - onde ela conseguiu um salão que foi limpo por ela e pelos filhos antes do programa - ou pela população ser extremamente católica.

A pregação era difícil, também porque a ausência de um templo prejudicava a divulgação da igreja. Isso não a impedia de pregar, inclusive para pessoas importantes como um prefeito que foi batizado após estudos bíblicos dados por ela, mas reduzia a exposição da mensagem.

Devido a distância da sede regional da Igreja no Rio de Janeiro, eram os pastores do Espírito Santo que davam atendimento para a família e membros. Isso acontecia porque Vitória, ES, fica a cerca de 250 km de distância, enquanto para o Rio de Janeiro o trajeto tem 400 km.

A casa da família não era muito grande, mas chegou a receber cerca de 20 pessoas para cultos. Devido as dificuldades em ter materiais e também pessoas capacitadas, não havia um trabalho específico para as crianças. Os cinco filhos de Ruth acompanhavam o mesmo culto dos adultos, assim como os amigos que eles convidavam.

Em 1980, por causa do trabalho realizado por Ruth, a Igreja marcou uma série de conferências evangelísticas na cidade e, enfim, eles tinham um templo para congregar, mesmo que alugado. Mais ou menos oito anos depois, a cidade de Itabapoana teve a primeira igreja adventista inaugurada, e pôde contar com uma apresentação do Quarteto Arautos do Rei, em nova formação, mas que havia sido tão importante para Ruth.

Atualmente cerca de cem pessoas são membros regulares da igreja, e a cidade tem também uma unidade da Educação Adventista. Convivendo com o Alzheimer, Ruth traz ainda vívidas as memórias do passado, e a todo momento pergunta para os filhos se é dia de ir à igreja, porque é lá que ela gosta de estar.



Ruth





Meus *pais* me ensinaram

a ser *missionária*

*A*s memórias de infância são de uma menina alegre, de cerca de cinco anos, correndo com os amigos entre areia e blocos, se escondendo em cômodos não finalizados. Enquanto isso, os homens adultos se empenhavam no trabalho pesado de alvenaria, em esquema de mutirão aos domingos e, pontualmente, ao meio dia as mulheres apareciam com a refeição. Era um tempo em que todos os membros se reuniam para erguer templos, depois de anos de luta para comprar terrenos, enquanto congregavam em salões alugados.

Hoadie Kelly Amaral dos Santos nasceu em Poço Verde, SE, em uma família de adventistas. O pai e os tios dela haviam se convertido anos antes, e já trabalhando como colportor, vendendo livros, o pai conheceu a moça que viria ser sua esposa. Ele deu estudos bíblicos para ela e também para toda a família, e juntos eles formaram uma família missionária.

Desde sempre, os pais de Kelly foram envolvidos na implantação de congregações e construção de templos, e ela também começou a atuar desde cedo na igreja; e já na adolescência assumiu uma classe dos primários, na Escola Sabatina. Aos 15 anos, quando teve a oportunidade de estudar em um internato adventista, continuou sendo bastante participativa.

Quando deixou o colégio, Kelly foi morar em Vila Velha, ES, em decorrência de complicações de saúde da avó, com quem ela era muito apegada. Como não conhecia muitas pessoas na nova igreja, foi aos poucos deixando de atuar, mas, logo percebeu que esse comportamento era prejudicial para a espiritualidade.

Para voltar a ser quem era antes, ela procurou o Ministério da Mulher, e logo foi envolvida em diversas atividades, o que a fez ter a certeza de que para se sentir viva espiritualmente deveria estar sempre em ação.

Quando terminou a faculdade de Pedagogia, foi trabalhar como professora e, naquela época, a avó já estava completamente curada. Após o casamento com Hyster Martins Ferreira, aconteceu uma nova mudança, desta vez para a cidade de Uberlândia, MG, o que não provocaria tantas modificações na rotina não fosse o fato de que, agora, ela frequentava uma congregação pequena, chamada de grupo.

O choque foi grande porque a igreja que ela frequentava antes recebia cerca de 300 pessoas a cada sábado, em média, e agora, eram apenas 25, menos que 10% da realidade que havia vivido em Vila Velha.

Estar em uma igreja deste tamanho exige maior envolvimento das pessoas, atuando em diversas frentes; e não foi diferente para Kelly. O esposo era tesoureiro e, para a surpresa dela, um ano depois ela foi nomeada para assumir a direção do grupo. Ela era bastante jovem, mas encarou o desafio.



As experiências adquiridas na igreja anterior foram reaproveitadas agora na nova realidade, e a alegria de ver uma igreja se fortalecer e crescer começou a preencher o coração de Kelly, assim como era o sentimento dos pais naqueles anos da infância dela. Kelly havia crescido em um ambiente onde implantar e ver crescer uma congregação até ter templo próprio era rotina.

Ao longo deste período, Kelly e outros membros da liderança sempre participaram de treinamentos oferecidos pela Igreja, o que fez com que projetos fossem implantados e que eles aprendessem melhores técnicas para desempenhar as funções.

Quando se tornou mãe de Samuel, uma das preocupações de Kelly era como coordenar o tempo de modo que as atividades da igreja não sofressem tanto o impacto, causado pela necessidade óbvia de dedicar tempo para o bebê. Nesta hora Kelly percebeu “que o evangelho não poderia parar, e que para que isso acontecesse deveria incluir o filho na missão”, assim como os próprios pais haviam feito com ela, “incluindo e, de forma não consciente, preparando”, o que sempre lhe trouxe boas recordações.

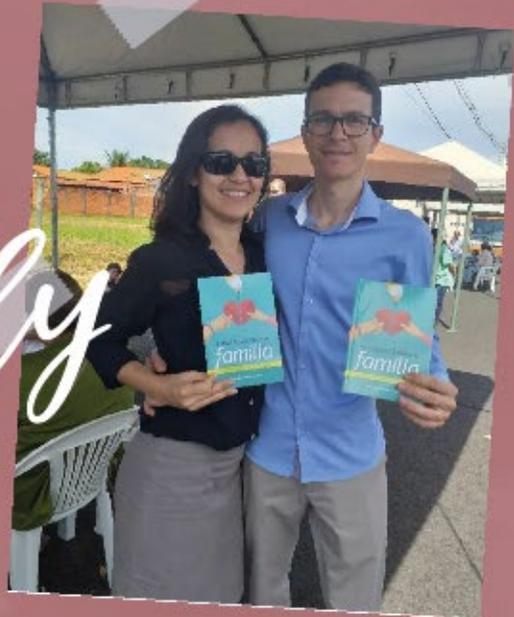
Desde que se casou, Kelly e Hyster mantinham uma vida ativa de estudos bíblicos e de visitação a membros da igreja, uma das funções da liderança leiga local em apoio ao trabalho do pastor. Depois do nascimento, a dupla formada pelo casal se tornou um trio, porque Samuel sempre estava junto.

Kelly sempre soube que há pessoas sedentas pela Palavra em todos os lugares; a exemplo do local de trabalho do próprio esposo, o que resultou em um grupo de estudos da Bíblia que eles ministram. Acompanhando os pais, o pequeno missionário Samuel tem também o benefício de fazer novos amiguinhos, enquanto as atividades evangelísticas se desenvolvem bem próximo dele, o que sem dúvidas é um ensinamento para o futuro dele na igreja.

O próximo passo da igreja é a implantação de um Clube de Aventureiros, devido ao crescimento de membros e também de crianças. Embora continue atuando como instrutora bíblica, Kelly entendeu que a sua maior paixão no ministério é o trabalho de conservação, através do acompanhamento mais próximo das famílias.

Nos próximos meses, Kelly novamente estará envolvida na construção de um templo, só que desta vez, o processo será diferente, porque a obra será conduzida por uma construtora. Porém, ciente do quanto é bom fazer parte do processo, em um domingo de sol, um mutirão formado pelos membros fez a limpeza do terreno e lá também estava Kelly. Ela não pôde ficar de fora!





Hoadie Kelly





O Ministério da *Mulher* transforma a *igreja*

*P*or volta dos 25 anos de idade, já casada, Eliane dos Santos Carmo Grácio parou pela primeira vez para ouvir sobre a mensagem adventista. O irmão havia sido batizado tempos antes, e sempre insistia e levava pastores e amigos para conversar com ela. Nascida no Rio de Janeiro em 1962, Eliane havia passado a infância participando de igrejas evangélicas, depois que a mãe deixou o espiritismo.

Passado um tempo, a estratégia do irmão foi apresentar uma mulher para dar estudos bíblicos para ela, e deu certo. Acompanhada do esposo, Eliane continuava frequentando uma igreja evangélica, até que tomou a decisão de se tornar adventista; porém, o marido não a acompanhou.

Imediatamente, Eliane começou a se interessar pelas atividades desenvolvidas pelo Ministério da Mulher. O departamento havia sido implantado recentemente na igreja (e também no mundo) e eram escassas as atividades, em comparação ao que existe atualmente. Ela se tornou colaboradora da líder, o que foi uma escola para o que o futuro lhe reservava.

As primeiras iniciativas foram realizadas com mulheres grávidas ou que recentemente haviam dado à luz. O departamento parecia preencher e combinar muito com as características pessoais de Eliane, porque incluía a criatividade e o gosto pela decoração nas atividades, inclusive de outros departamentos da igreja.

Pouco tempo depois, era Eliane que assumia oficialmente a liderança das mulheres na igreja de Jardim Novo Realengo. O processo de formação de novas lideranças havia sido bem realizado, e Eliane já estava apta a liderar as mulheres nas atividades, o que a deixou muito feliz.

Todos os treinamentos que eram oferecidos, ela participava. E foi durante este período que ela começou a estudar e entender que precisava se envolver e criar projetos onde a oração era a base principal.

A oração foi também a primeira ferramenta para vencer a timidez de falar em público, algo que seria necessário na nova atribuição. Eliane passou a não recusar os convites de ir à frente, mas até segundos antes de começar a falar sempre se sentia nervosa e pedia a Deus que lhe ajudasse a vencer a dificuldade com a oratória. Surpreendentemente, vez após vez, ela se sentava com a sensação de que havia conseguido, embora nas primeiras vezes nem lembrava ao certo o que tinha falado, mas o retorno que recebia das pessoas a fazia entender que estava dominando as técnicas de falar em público.

O marido de Eliane não gostava do fato da esposa ter se tornado uma adventista, e ela começou a ver que esta era também uma realidade de outras mulheres da igreja que frequentava. A não-participação dos maridos nos cultos e eventos, muitas vezes, fazia com que os filhos também aos poucos fossem se afastando.

Eliane entendeu que este era o primeiro desafio do MM, por isso abraçou o projeto Conquistando seu esposo para Cristo, assim que ele foi apresentado. Ciente de que mesmo com os convites constantes das esposas os maridos não iam à igreja, estava claro de que o Ministério da Mulher deveria incluir um homem para o projeto.

Depois de uma intensa campanha de oração, Eduardo - que na época era ancião da igreja - foi convidado e aceitou integrar a equipe. A estratégia previa mudanças nas ações das esposas em casa, bem como a realização de eventos sociais em que os maridos fossem convidados por Eduardo a participar.

Logo o gosto masculino por esportes, principalmente o futebol, se tornou a primeira estratégia quebra-gelo. Dez homens participavam, o que deu para formar um time. Depois as outras iniciativas planejadas se tornaram mais fáceis, como a comemoração de aniversários e outros encontros, onde Eduardo sempre encontrava uma forma de falar de Jesus. Muitas decisões aconteceram e esposos foram batizados, mas isso não aconteceu com Eliane: embora fosse bastante participativo nos encontros, o esposo dela não era um deles. Isso não a desanimava e ela sabia e sentia que um dia a decisão aconteceria, e ela estava certa!

Enquanto isso, havia ainda outra questão que necessitava da força das mulheres. O fato de muitos adolescentes e jovens terem se afastado da igreja preocupava muitas mães, e por isso o Ministério da Mulher local iniciou fortemente a participação no projeto "Mães de joelhos, filhos de pé". Entre as estratégias estava o envio de cartas para os filhos das amigas e, desta forma, os jovens e adolescentes sempre estavam lendo conselhos de outras mães.

Dos 25 anos oficiais do Ministério da Mulher na Igreja Adventista do Sétimo Dia, Eliane esteve em 22, e agora é também coordenadora distrital, atendendo outras igrejas. Depois de verificar que já tem liderança bastante capacitada ela sente que é tempo de deixar outras assumirem a liderança e continuar sendo suporte, assim como foi feito com ela, há duas décadas.







Uma *mulher* entre os anciãos

A separação dos pais levou Célia Alvares Monteiro a viver com uma tia, no Rio de Janeiro, aos cinco anos de idade. A tia não tinha filhos e a caçula de sete irmãos passou a ser considerada a filha única do casal. A família era humilde, e sempre que precisavam, recebiam ajuda de familiares, o que tornou a infância de Célia um pouco mais confortável. Quando a tia começou a frequentar a igreja de Nilópolis, Célia perdia tempo olhando para os cantos procurando os santos. Era esta a referência de igreja que ela tinha na época, e não entendia o porquê daquele lugar ser chamado de igreja se não haviam estátuas.

Quando a tia começou a frequentar a igreja adventista, Célia perdia tempo olhando para os cantos procurando os santos. Era esta a referência de igreja que ela tinha na época, e não entendia o porquê daquele lugar ser chamado de igreja, se não haviam estátuas.

Por volta dos 16 anos, com a chegada de mais uma família à igreja, Célia conquistou uma melhor amiga. Como eles moravam longe, eram acostumados a levar o almoço para que pudessem ficar ali o dia todo, até participar do programa da tarde, que se chamava Missionários Voluntários, conhecido como MV. Célia pediu e obteve a autorização dos tios para fazer a mesma coisa.

Logo Célia estava trabalhando ativamente na igreja, de maneira que ela não se recorda de algum tempo depois disso em que estivesse parada. Na Escola Sabatina desde sempre, mas também na Secretaria, Ministério da Família, Mordomia e Publicações. Célia sempre era escolhida para funções de liderança.

Depois de se tornar professora da rede pública de ensino, Célia voltou a estudar para se capacitar para a vaga de professora de técnicas comerciais, agora para turmas de adolescentes, entre o quinto e o nono ano.

Aos 39 anos, tomou uma decisão um pouco incomum à época. Mesmo sendo solteira, decidiu adotar uma criança, e, algum tempo depois, adotou a segunda filha. Era uma ação talvez inconsciente de gratidão, para promover a alguém uma alternativa de vida, com acesso à educação e, principalmente, no aspecto religioso, como um retrato da própria infância, onde a acolhida da família da tia resultou no que ela se tornou.

Paralelo a isso, as atividades na igreja sempre continuaram completando intensamente os finais de semana dela, até que ela foi nomeada para a liderança da igreja de Pavuna, uma função ainda incomum nos dias de hoje para mulheres: ela se tornou "anciã", participando de todas as atividades exceto aquelas que exigem a ordenação, como dedicação de crianças, Santa Ceia e batismos autorizados pela sede da igreja.

Célia sempre sentiu-se bastante respeitada pela equipe que ela passou a integrar, bem como pelos membros. Sempre próxima de todos, e por ter um longo histórico de participação na igreja, ela conhecia bem como circular entre os departamentos, auxiliando cada um deles.

Nos anos de 2006 e 2007, ela fez parte do grupo de membros leigos que participam de reuniões periódicas na sede regional da igreja - chamados de delegados de Mesa Diretiva - onde são definidas as diretrizes da Igreja na região.

Em 2007, junto com a amiga Maria Piedade Veloso, Célia deu início ao projeto "Vida Plena", voltado para proporcionar atividades de integração e também evangelismo entre pessoas que estão na terceira idade. Juntamente a esta atividade, os 75 anos, Célia lidera o departamento de Publicações da igreja da Pavuna.







Pioneira como meus antepassados

Os bisavós de Rose Mari Becker Mariano eram alemães que se instalaram na região de Laranja da Terra, ES; e a conversão dos avós dela ao adventismo coincide com a chegada dos primeiros missionários à região, próximo do início do século 20. Ainda hoje, o município recebe uma campal anual dos adventistas, nos mesmos moldes que acontecia à época.

Rose nasceu em Córrego Laranjinha, que fica a 5 km da sede municipal, integrando uma família de adventistas que residiam bastante próximo da igreja local. Ali há um número razoável de adventistas, por ter sido uma região histórica da chegada dos missionários pioneiros.

Era uma região rural e os pais trabalhavam na plantação de milho e amendoim, mas, por ser a caçula da família de seis filhos, as idas de Rose para a roça eram apenas para brincar, enquanto os demais trabalhavam. Sua principal tarefa era estudar.

Os membros eram bastante animados e, embora não houvesse um programa específico para cada faixa etária, todas as crianças participavam de uma classe de Escola Sabatina diferente da dos adultos., fato que marcou a infância de Rose. Desde muito cedo, Rose foi introduzida nas atividades da igreja, e sempre gostou de estar à frente.

Na juventude, Rose conheceu Edson Jesus Mariano, e o namoro foi iniciado ao mesmo tempo em que ele começou a frequentar os cultos; e quando Rose tinha 22 anos eles se casaram, passando a morar agora em Laranja da Terra.

Porém, por muito tempo, eles não deixaram de frequentar a igreja de Córrego Laranjinha, por já estarem habituados ao local e exercerem funções de liderança. Mas, aos poucos começaram a mudança e, em 1995, já estavam congregando na igreja Central de Laranja da Terra quando o Ministério da Mulher foi oficializado.

Rose foi nomeada para o departamento e, mesmo sem muitos materiais ou informações de como proceder, foi aos poucos implantando iniciativas; sempre atenta também aos treinamentos realizados pela Igreja.



Em 2007, a igreja começou uma iniciativa evangelística no bairro Bela Vista, quando aconteceram alguns batismos, mas, mesmo assim, nenhum templo foi inaugurado. Durante um momento de meditação pessoal, ao ler o livro O Grande Conflito, de Ellen White, Rose se deparou com as histórias de pioneiros da Igreja Adventista e com os inúmeros desafios que eles enfrentaram para iniciar as atividades da denominação. Aquela leitura a comoveu profundamente.

Poucas horas depois, Rose recebeu o telefonema do pastor que tivera o mesmo pensamento naquela manhã, sobre a necessidade de abrir um ponto fixo de pregação naquele bairro. Por isso, Rose e Edson cederam uma parte do imóvel onde residiam para a realização dos cultos, mas não demorou muito para que o espaço tivesse que ser ampliado, já que o número de participantes só crescia.

Logo existiam cerca de 55 pessoas se reunindo regularmente e, para atender as crianças, a cada sábado Rose se levantava de madrugada para transformar a própria casa em um ambiente para o ensino da Bíblia em linguagem infantil.

Durante sete anos os cultos foram realizados na casa de Rose, até que eles conseguiram construir o templo próprio, que recebe hoje cerca de 70 membros. Sempre atuante com o Ministério da Mulher, desde a sua implantação, Rose entende que o trabalho deste departamento também promove atividades relacionadas a outras áreas da igreja, como o departamento infantil.

Por isso, coordenou a implantação do projeto chamado “Resgate de uma geração”, que tem como objetivo principal ensinar às crianças os dez mandamentos, sempre de forma ilustrada. Uma quarta-feira por mês o culto era totalmente dedicado aos pequenos, e a iniciativa foi ampliada com sucesso para as igrejas de Itarana e Itaguaçu.

Ampliando as iniciativas para crianças que não são adventistas, Rose e sua equipe criaram o grupo “Vozes do Amanhã”, que recebe crianças da comunidade São Luiz de Miranda. O grupo se apresentou no programa “Natal Luz” nas praças de Itarana e Laranja da Terra, e também em Itaguaçu, onde a população carente do município foi atendida com um lanche e a distribuição de roupas, no varal solidário.

Atualmente, Rose tem também dedicado seu talento como culinária, ensinando receitas vegetarianas, e ampliou sua área de atuação com a internet, através do seu canal do YouTube Delícias Vegetarianas.





Rose Mari





Meu *sonho* era ter uma *Bíblia*

*T*odos os dias a família partia cedo para a roça, na região de Afonso Cláudio, ES, às vezes para colher café, outras milho, arroz, amendoim... Era 1960, quando as mudanças no calendário eram representadas pela safra e Lindalva Pereira Tiradentes, a sétima de nove irmãos, nasceu em uma família estritamente católica.

Para os mais velhos a lida na agricultura começou cedo, mas para Lindalva houve um pouco mais de tempo para dedicar-se exclusivamente aos estudos, antes de precisar contribuir trabalhando. Ela já tinha 12 anos e cursava o ginásio à noite na época em que começou a trabalhar na roça.

Foi mais ou menos na mesma época que a menina ganhou de presente da mãe dois livros de conteúdo religioso, produzido pela Igreja Católica em linguagem própria para adolescentes, cujas páginas ela logo começou a ler com bastante interesse. Entretanto, em muitas páginas havia a indicação de leituras na Bíblia, um livro que ela apenas ouvira falar, nunca teve acesso.



Era sabido que algumas pessoas da região tinham Bíblias em casa, mas as “Bíblias crentes” não eram confiáveis. Os anos foram se passando, todavia o preço de uma Bíblia “puramente católica” era alto e também não era tão fácil de achar.

Já morando próximo da capital, em Vila Velha, Lindalva casou-se, e continuava a rotina tradicional da família de comparecimento à igreja. Mas, ela queria saber mais do que o que ouvia nas missas e queria ter as respostas da infância respondidas. Ela nunca esqueceu o desejo de ter nas próprias mãos uma Bíblia, onde pudesse checar tudo o que falavam.

“Se a pessoa morre e vai para o céu, para quê Jesus vai voltar?”, era uma das coisas que não faziam sentido para ela. Mas, Lindalva não sabia que este conflito interior estava também aparente na sua imagem; até que o marido a interrogou na volta da missa.

Ao ver a esposa triste, ele perguntou se havia acontecido algo de ruim por lá ou mesmo no caminho, ao que ela respondeu que era apenas o desejo de entender mais, porque o que ela ouvia na igreja parecia sem sentido.

“Por que você não vai a outra igreja? Existem tantas igrejas nesta rua...”. Ao ouvir a pergunta e sugestão do esposo, Lindalva se assustou. Esta possibilidade nunca tinha passado pela cabeça dela!

Enquanto ficou pensando na possibilidade, outra oportunidade aconteceu a ela. Ela tinha 25 anos de idade quando encontrou uma loja de produtos católicos vendendo uma Bíblia a um preço que podia pagar, e não pensou duas vezes antes de comprar. Depois, Lindalva foi à casa da mãe buscar os livros que havia ganhado de presente na adolescência porque, enfim ela poderia comparar e pesquisar!

A cada dia que sentava para ler o livro, ela encontrava novidades e contextos que não batiam, quando comparado aos livros. A cada dia, o que ouvia nas celebrações que participava parecia mais superficial e incoerente.

Neste período, Lindalva conheceu Maria do Carmo Reis, que sempre mencionava para ela que estava estudando a Bíblia com algumas pessoas. Muito reservada, Lindalva não dava oportunidades para um convite e também nunca havia mencionado que estava em uma busca intensa por entendimento há aproximadamente 10 anos.

Até que um dia, cansada de rodar em círculos sem entender o que lia, Lindalva pediu ajuda à Maria do Carmo, e prontamente foi atendida, iniciando os estudos da Bíblia. Simultaneamente, ela começou a ir com a amiga à casa de uma família, onde todos os sábados era realizada uma escola sabatina filial, para atender a um casal cujo esposo havia ficado paralisado. Após a recapitulação da lição da Escola Sabatina com a família, eles seguiam para a igreja, para acompanhar o culto.

Sábado após sábado Lindalva também aprendia através do estudo bíblico, até que se decidiu pelo batismo. Ela já tinha 35 anos de idade quando teve em suas mãos dois grandes presentes: seu primeiro exemplar da lição da Escola Sabatina e uma Bíblia.

Naquela época, o que era Escola Sabatina filial já havia se tornado um grupo de 20 pessoas, e na garagem acontecia regularmente a programação da igreja. Aos poucos, o número de membros foi aumentando e, por volta de 2003, o bairro Santo Antônio, em Cariacica teve um templo adventista inaugurado.

Lindalva começou a acompanhar Maria do Carmo nos estudos bíblicos, em atividades do Ministério da Mulher e também em ações sociais promovidas na igreja. Distribuir literatura é um dos trabalhos que Lindalva mais gosta de fazer, e ela mesma é a mais importante prova de que a leitura pode despertar o desejo de conhecer mais, ainda que este livro não seja tão completo como os títulos que ela faz questão de apresentar para as pessoas.





fundalva





Quanto *vale* um garoto?

No final do século 18 e início do século 19, tanto a Europa como o norte dos Estados Unidos, vivenciaram um crescente interesse acerca de Deus, e também questionamentos sobre o sentido e a finalidade da vida humana, resultando no surgimento de várias igrejas cristãs. Foi neste contexto que nasceu Sarepta Myrenda Irish (1839), filha do missionário metodista Horatio Irish, que, entre uma viagem e outra, ensinava a filha a ler, utilizando a Bíblia que ela havia ganhado da avó.

Sarepta era muito apegada ao pai, mas o relacionamento com a mãe não era fácil. Talvez por ser filha de soldados, e ter vivenciado os efeitos dos horrores da guerra pela independência dos Estados Unidos, ocorrida entre 1775 e 1783, Mary Irish não era amorosa com a filha. Desde cedo, Sarepta demonstrava um talento para a composição de poemas, mas a mãe a ridicularizava por isso.

Aos 20 anos, Sarepta foi enviada para o Rock River Seminary, onde chegou sabendo apenas o que havia aprendido com o pai; ali seu talento literário foi logo reconhecido e ela foi condecorada várias vezes pela sua capacidade de expressar sentimentos, pensamentos e utilizar a rima com perfeição. Nada surpreendente para o Horatio, que sempre a apoiava e apresentava os artigos escritos pela a filha para editores de revistas religiosas. Pela insegurança, fruto da opressão da mãe, Sarepta sempre usou um codinome, até ser convencida pelo pai que era boa escritora e deveria assinar seu próprio nome.

Infelizmente, logo no primeiro período no colégio, Sarepta foi comunicada que o pai estava em seus últimos dias de vida, e voltou para casa. Era o fim de oito anos de invalidez, período em que ele sempre contou com a presença da filha, lendo e cantando para ele. Com a ida de Sarepta para o colégio, era a primeira vez que ele se distanciava tanto da filha amada e sua saúde havia ficado ainda mais debilitada.

Com o luto e a falta de conexão com a mãe, Sarepta foi emocionalmente acolhida pelo reverendo Dr. John Vincent e sua esposa, que foram importantes para o futuro dela. Estudando agora em Illinois, ela tinha contato com outras famílias que a faziam se sentir bem, amada e respeitada.

Desejando manter o legado missionário do pai, Sarepta começou a almejar ir para o campo missionário fora dos Estados Unidos ou fazer algo que realmente fosse relevante para a comunidade.

Aos 22 anos, em 1861, casou-se com James Henry, um poeta e professor que se alistou para lutar na Guerra Civil Americana, mas que não foi convocado por alguns centímetros a menos na sua altura. Por causa da experiência negativa do marido, eles mudaram para o leste do país, para viver em uma fazenda, onde nasceu a primeira filha do casal: Mary.

Já mais segura emocionalmente, Sarepta escreveu seu primeiro livro, chamado Victória, porém, a publicação demorou um pouco mais para acontecer. É que James havia se alistado de novo para ir à guerra, e, quando a resposta positiva veio, Sarepta estava em seus primeiros meses de gravidez do terceiro filho. Era preciso esperar um pouco mais para ter o livro em mãos.

Com o marido fora de casa, em abril de 1865, Sarepta deu à luz a Arthur, porém, cerca de dois meses depois, a chegada de oficiais à sua porta noticiava uma tragédia que mudaria toda a vida da família: gravemente ferido na guerra, James foi transportado de volta para casa. Estava tetraplégico!

Por cerca de quatro anos, ela cuidou do marido, que foi acometido de várias doenças até que ele faleceu, em 1871, dez anos depois do casamento, deixando Sarepta viúva e responsável por três crianças. Para cuidar dos filhos, Sarepta conseguiu um emprego como professora na vila onde moravam; mas depois decidiu voltar para Illinois, onde começou a lecionar em Rockford, tendo apoio dos amigos e a segurança de ter os filhos por perto, para que ela pudesse cuidar deles ao mesmo tempo em que trabalhava.

Naquela mesma época, ela começou a escrever o livro chamado After Truth pelo qual recebeu um bom dinheiro. Ao longo dos próximos anos, Sarepta tirou da literatura o dinheiro para manter sua família.

Com a chegada da juventude dos filhos, Sarepta se tornou ainda mais preocupada e cuidadosa com eles, especialmente com os meninos. Arthur, o caçula, começou a consumir bebida alcoólica e, ao vê-lo entrando em um bar, Sarepta decidiu que era hora de fazer algo para proteger não apenas o filho, mas toda a juventude. Contactou mulheres da comunidade a fim de formarem a União de Temperança das Mulheres Cristãs (UTMC), e promover uma luta a favor dos bons costumes em todo o país.

Ninguém esperaria de Sarepta algo em público. Embora bastante fluente com as palavras, ela era uma mulher tímida e expunha suas ideias apenas nos artigos, poemas e livros. Mas, sob a pressão das suas convicções, ela fez seu primeiro discurso em uma igreja e foi tão aclamada que os próximos eventos precisariam ser feitos na rua, tamanho o público.

Mesmo assim, Sarepta sentia-se inapta para ser a porta-voz daquele movimento, desejando arduamente voltar a ser escritora, mas a consciência da necessidade de alertar as comunidades e o senso de missão eram mais fortes, e ela prosseguia.

A UTMC fez uma solicitação ao governo de Illinois, chamada Petição de Proteção ao Lar e, na defesa da tese, Sarepta discursou à frente dos representantes eleitos e do governador. Em sua retórica, utilizou a experiência pessoal, fazendo uso do ponto de vista de uma viúva que lutava pelos filhos sem pai, pedindo os mesmos direitos de proteger os filhos que os pais teriam.

A palestra intitulada "Quanto vale um garoto?" foi repetida em vários outros eventos onde Sarepta foi convidada a discursar. Ela sempre enfatizava os ensinamentos bíblicos, a importância da igreja, frutos de sua origem cristã.

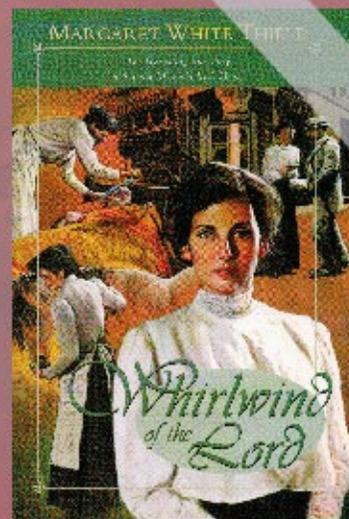
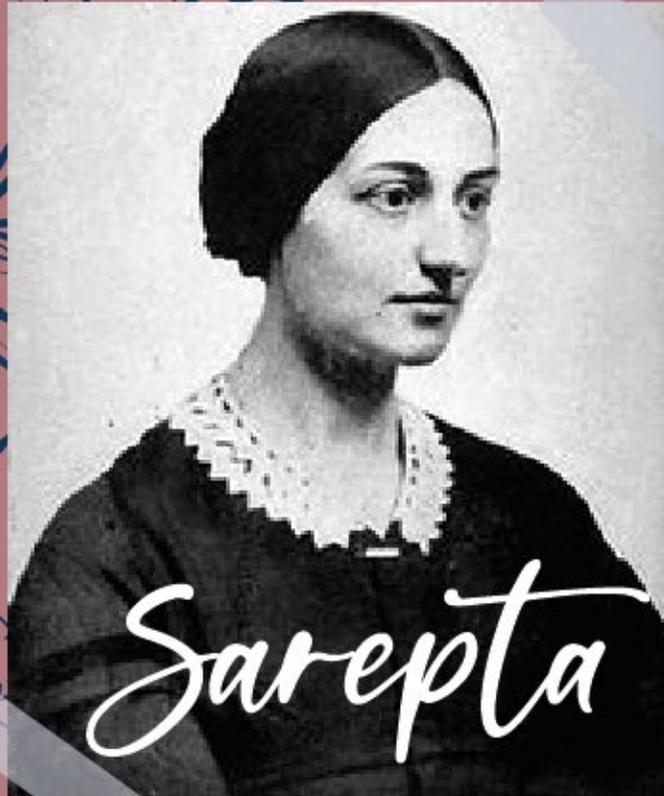
Devido a pesada carga de viagens e palestras, ela adoeceu. Esperando encontrar ajuda médica, foi para o Sanatório de Battle Creek, no Michigan, recém-fundado pelos adventistas do sétimo dia, do qual havia escutado excelentes recomendações. No final do verão de 1896, depois de estudar a Bíblia assiduamente com os adventistas que residiam naquela região, Sarepta foi batizada.

Pouco depois, já curada, ela fez um planejamento mais profundo das ações que deveriam acontecer e, em 1898, elaborou um plano maior chamado de "Ministério da Mulher", que a levou para todo o país e também para o Canadá, onde ela enfatizava o papel das mães na educação moral da sociedade.

Por conta desse novo empreendimento, renunciou ao cargo como líder nacional da UTMC e dedicou-se integralmente à mobilização das mulheres adventistas para a obra de Deus. Ela acreditava que as mulheres devidamente organizadas, treinadas e orientadas poderiam realizar uma obra igual, ou superior, à da UTMC.

Da Austrália, Ellen White soube do excelente trabalho de Sarepta e endossou um pedido à liderança mundial dos adventistas, a fim de que o trabalho fosse oficializado. Ela escreveu para Sarepta também parabenizando-a pelo esforço e destacando a relevância do que estava sendo feito.

Sarepta faleceu pouco depois, em 1900, em decorrência de uma pneumonia, mas deixou nove mulheres preparadas para darem continuidade ao Ministério da Mulher, além de um legado de luta que ultrapassou a fronteira dos Estados Unidos.





Igreja Adventista
do Sétimo Dia

